

# ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS

## MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO EM PETRÓPOLIS





# ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS

## MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO EM PETRÓPOLIS



REGINA HELENA DE CASTRO RESENDE  
CAROLINA MOREIRA DA SILVA KNIBEL

O momento final da preparação deste quarto volume do *Almanaque de Petrópolis* reservou para o setor de Educação e, por extensão, para toda a equipe do Museu Imperial, uma grata surpresa: o depoimento do senhor Alfredo Gonçalves Bastos. Do alto de seus 90 anos, esse cidadão petropolitano preserva na memória importantes momentos vividos entre os anos de 1937 e 1940, quando era aluno do Colégio São Vicente de Paulo. Nas próximas páginas, você, leitor (a) desta publicação, aprenderá que o referido educandário funcionou, de 1909 a 1939, no Palácio Imperial de Petrópolis, hoje ocupado pelo Museu Imperial. Ou seja, o “seu” Alfredo é a memória viva de um tempo que o quarto volume do *Almanaque de Petrópolis* pretende contar. Sua contribuição é um exercício no qual uma trajetória individual auxilia a pesquisa para a decifração de uma história mais ampla acerca do tema da educação em Petrópolis.

Nos últimos anos, o Instituto Brasileiro de Museus, do qual o Museu Imperial faz parte, empreendeu um grande esforço para construir uma Política Nacional para os museus brasileiros, cujas diretrizes encontram-se consubstanciadas em um instrumento de ação: o Plano Nacional Setorial de Museus. Nele, vemos que a educação aparece como um verdadeiro instrumento de transformação social. Portanto, o setor de Educação do Museu Imperial elegeu o tema da educação em Petrópolis para investigar, refletir e instigar alunos e professores a fazerem o mesmo, tendo como ponto de partida um lugar que já foi espaço de aprendizado formal como escola e assumiu o *status* de *locus* de educação informal como museu. Mas a verdade é que a educação sempre esteve ligada a esse local a exemplo do uso que d. Pedro II fez de sua casa e de sua cidade.

Cientes disso, as educadoras do Museu Imperial, Regina Helena de Castro Resende e Carolina Moreira da Silva Knibel, foram mais além. Ao incorporarem os subsídios trazidos pela memória do “seu” Alfredo Gonçalves Bastos no processo pedagógico, elas parecem buscar a fusão entre sujeito e objeto, transformando a relação da construção do conhecimento em uma fantástica experiência de vida.

**Maurício Vicente Ferreira Júnior**  
**Diretor do Museu Imperial**

Presidente da República	Dilma Rousseff
Ministro de Estado da Cultura	Juca Ferreira
Presidente do Ibram	Carlos Roberto Ferreira Brandão
Diretor do Museu Imperial	Maurício Vicente Ferreira Júnior
Coordenador Técnico	Fernando Ferreira Barbosa
Coordenador Administrativo	Sérgio da Silva Abrahão

© 2015. Museu Imperial | Ibram | MinC

Almanaque de Petrópolis: memórias da educação em Petrópolis. – N. 4 (mar.2015). – Petrópolis: Museu Imperial, 2015.

ISSN 1984-3984

1. História da Educação – Petrópolis (RJ). 2. Educação I. Título

CDD – 981.532

O tema deste quarto volume do *Almanaque de Petrópolis* – Memórias da Educação em Petrópolis – nasceu da ideia de apresentar aos alunos e professores participantes do “Projeto Petrópolis” do ano de 2015, os usos do Palácio Imperial após a partida do imperador d. Pedro II e de sua família para o exílio na Europa. Esta escolha possibilitou conciliar a conclusão da temática abordada no segundo volume deste periódico – o início da história desse bem cultural – e a apresentação de ricos acontecimentos do universo escolar e educacional em uma trajetória histórico-temporal.

A ocupação da antiga residência de verão da família imperial por dois educandários – o Colégio Notre Dame de Sion e o Colégio São Vicente de Paulo – revela parte da história da educação em Petrópolis e suscita o desafio de introduzir ao público escolar o contexto educacional da cidade de Petrópolis ao longo do século XIX até meados do século XX.

Para além das memórias da educação em Petrópolis, este almanaque traz a seus leitores informações interessantes sobre o universo infantil no século XIX, a cultura material escolar desse período, as modalidades de ensino de então e a peculiar educação das princesas Isabel e Leopoldina, filhas de d. Pedro II. Apresenta, ainda, questões para reflexão sobre a situação da educação em Petrópolis no passado e nos dias atuais, e sobre a sociedade oitocentista.

Com o objetivo de tornar sua leitura prazerosa e instigante aos olhos do público escolar, acompanham as páginas deste almanaque diversos passatempos, sugestões, curiosidades e um calendário, elaborados a partir do conteúdo abordado. Além disso, como nos volumes anteriores, todo o texto vem enriquecido com o acervo documental, iconográfico e museológico do Museu Imperial e do Arquivo Grão Pará, utilizados com a intenção de auxiliar os alunos na compreensão dos fatos narrados.

Com o *Almanaque de Petrópolis*, o setor de Educação do Museu Imperial reforça o propósito de se integrar ao panorama educacional da cidade, procurando colaborar de forma efetiva com o processo de construção do conhecimento acerca da sua história. Busca também incentivar a apropriação, por parte do público escolar, da sua história individual e coletiva e de seus bens culturais, além de desenvolver sentimentos positivos e críticos em relação a Petrópolis, especialmente os de pertencimento e de valorização de seu patrimônio cultural.

**Regina Helena de Castro Resende**  
**Chefe do setor de Educação do Museu Imperial**

Setor de Educação

Pesquisa e criação

Carolina Moreira da Silva Knibel

Pesquisa, criação e coordenação

Regina Helena de Castro Resende

Programação Visual

Uai! Do

Revisão

Flávio Soares de Mello e Silva

Colaboração

Equipe Museu Imperial

Agradecimentos

D. Pedro Carlos de Orleans e Bragança  
Arthur Leonardo de Sá Earp

*Em um tempo bem distante,*



os petropolitanos viram uma das mais importantes residências da cidade mudar o seu uso. Era o ano de 1892 e esse fato chamou a atenção dos moradores da cidade, afinal, em meados do século XIX, Petrópolis começou a se desenvolver a partir da construção dessa residência.

Era mesmo uma bela casa, ou melhor, um belo palácio! Havia sido construído para a família imperial – o imperador d. Pedro II, d. Teresa Cristina e suas duas filhas, as princesas Isabel e Leopoldina – passar os verões. O Palácio Imperial de Petrópolis era a residência que o imperador mais gostava e a cidade ficava em festa sempre que d. Pedro chegava para mais uma temporada de verão.



Vista do Palácio Imperial de Petrópolis e seus jardins. Fotografia de R. H. Klumb. Cerca de 1862. Acervo Museu Imperial.



## SUGESTÃO

Procure conhecer a história da sua residência.

**QUANTOS MORADORES JÁ RESIDIRAM NELA ANTES DE SUA FAMÍLIA?  
EM QUE ANO FOI CONSTRUÍDA?**





Com o fim da Monarquia, em 1889, a família imperial foi para o exílio na Europa e o Palácio Imperial fechou suas portas, mas não por muito tempo. Atualmente, moradores de Petrópolis e visitantes de vários lugares do Brasil e do exterior conhecem o Palácio Imperial, hoje transformado no Museu Imperial.

Mas será que você, seus amigos e os visitantes que vêm à nossa cidade sabem dizer o que aconteceu com o palácio antes de ter sido ocupado por um museu?

Família imperial: d. Pedro II, d. Teresa Cristina, à direita, e as princesas Isabel, à esquerda, e Leopoldina, ao centro. Cartão-postal fotográfico a partir de uma litografia de Léon Noel. 1864. Acervo Museu Imperial.



## CURIOSIDADE

### O PALÁCIO IMPERIAL EM NÚMEROS...

Foram necessários **17 ANOS** para ser concluído.

Existem **44 cômodos**.

São **85 janelas**: 67 no térreo e 18 no sobrado.

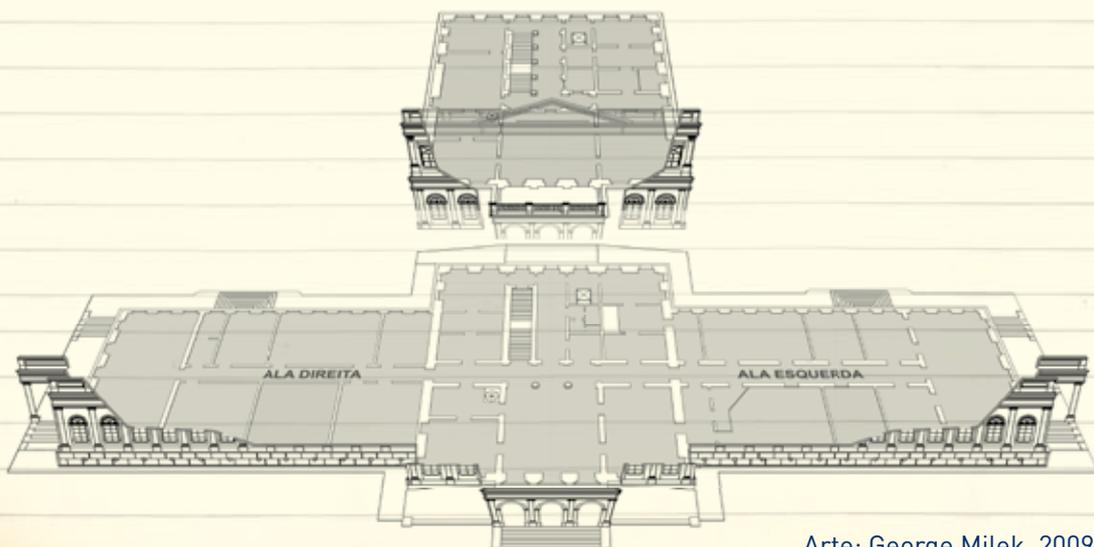
Do piso externo à parte alta do sobrado, são **15,26 metros**.

Da ala direita até a esquerda, percorrem-se **71,85 metros**.

São **81 portas** de madeira: 63 no térreo e 18 no sobrado.

**32** é o número de degraus da escada principal.

A área total construída é de **2.686,18 m<sup>2</sup>**.



Arte: George Milek, 2009.

## *Veja que interessante!*

Em 15 de setembro de 1892, o Palácio Imperial foi alugado para ali funcionar um colégio de meninas dirigido por freiras: o Colégio Notre Dame de Sion. As conversas entre a princesa Isabel e a diretora da Congregação de N. D. de Sion para tratar do acordo deste aluguel aconteceram em Paris – país de origem desta instituição de ensino. Tudo acertado, em 30 de setembro o Colégio Sion, anteriormente instalado em uma antiga residência do visconde de Ubá na Rua dos Mineiros (atual Silva Jardim), transferiu-se para o prédio do Palácio Imperial, permanecendo ali por 15 anos.



Residência na esquina das ruas Benjamin Constant e Silva Jardim, onde hoje funciona a Universidade Católica de Petrópolis e o seu Colégio de Aplicação. A residência pertenceu ao ministro Andrés Lamas, posteriormente ao visconde de Ubá e depois às irmãs de Sion. Fotografia de Oscar Mantovani. Acervo Museu Imperial.

Na verdade, este colégio iniciou suas atividades em Petrópolis no ano de 1889. Ficava na Rua de Bragança (atual Av. Roberto Silveira) e tinha 30 alunas internas matriculadas. Alunas internas?! Você pode estar estranhando, mas é isso mesmo! Naquela época, era muito comum haver escolas apenas para meninos e outras somente para meninas, como o Colégio Sion.

Além disso, os estudantes podiam frequentar a escola no sistema de internato, quando estudavam, faziam as refeições e dormiam na escola; no regime de externato, quando apenas estudavam em um período, e no semi-internato, quando estudavam nos períodos da manhã e da tarde, mas não dormiam na escola.

Em Petrópolis, havia educandários que funcionavam com os dois sistemas de acolhida: os externatos, com alunos residentes na cidade; e os internatos, com filhos das famílias da Corte e de outras partes do país, que deixavam os filhos entregues aos educandários. Nenhum internato era misto, ficando bem definida a separação dos colégios para moças de um lado e para rapazes, de outro.





Alunas junto ao prédio da antiga residência de verão da família imperial, ocupado pelo Colégio Notre Dame de Sion. 1894. Acervo Museu Imperial.

## ENTENDA

Para entender o motivo que levou o Colégio Sion a se estabelecer não só em Petrópolis, mas em diferentes cidades brasileiras, é preciso compreender o modo de vida na época do Império.

Até o início do século XIX, não havia entre as famílias brasileiras a preocupação com a educação escolar das mulheres. Em 1827, o governo imperial criou uma lei que garantia apenas os estudos elementares para as meninas, mas as escolas nessa época eram poucas e de baixa qualidade. Assim, quando as pessoas que possuíam uma melhor condição financeira queriam oferecer às suas filhas uma educação mais aprimorada, enviavam as jovens para estudar nos conventos de Paris, na França.

O que aconteceu é que em determinado momento chegou-se à conclusão de que seria mais prático e econômico trazer da França professores ou instituições francesas que se estabelecessem no Brasil. Desta forma, nas últimas décadas do século XIX, começaram a chegar ao país as primeiras grandes congregações religiosas francesas que se dedicavam ao ensino. As escolas católicas que se desenvolveram no país foram apoiadas pelos governos do Império e da República. Isso aconteceu tanto para suprir as deficiências de escolas públicas como para atender às necessidades das famílias que desejavam educar suas filhas para o cumprimento de seus deveres de filhas, esposas e mães. Essas escolas se tornaram, portanto, indispensáveis.

Inicialmente, no prédio do Palácio Imperial, os cômodos foram utilizados tal como foram encontrados. Na Sala de Estado foi instalada a capela do colégio. Os dormitórios ocupavam os demais quartos do sobrado, enquanto as salas de aula utilizavam a maioria dos ambientes do andar térreo. Mas, com o crescimento do colégio, houve a necessidade de se aumentar o espaço dos dormitórios. Assim, a Sala de Estado deu lugar a um número maior de camas para as alunas e construiu-se, na parte dos fundos do prédio, uma capela. O quarto de dormir dos imperadores foi unido à Sala de Estado com a demolição da parede divisória, o mesmo acontecendo com as paredes que separavam os quartos à esquerda da escada principal. O saguão de entrada passou a servir de parlatório (local onde as alunas recebiam a visita de seus familiares), com seu piso de mármore preto e branco coberto por tapetes, sobre os quais foram arrumados grupos de sofás, poltronas e cadeiras.



Dormitório do Colégio Sion localizado no antigo quarto de Suas Majestades e na antiga sala de Estado do Palácio Imperial. Acervo Museu Imperial.



Parlatório do Colégio Sion, montado no saguão de entrada do antigo Palácio Imperial. Acervo Museu Imperial.

E assim o Colégio Notre Dame de Sion foi logo se tornando um dos mais importantes colégios de meninas de Petrópolis, sendo procurado por famílias do Rio de Janeiro e de outras cidades. Tudo era muito organizado e o ensino de todas as disciplinas era muito rigoroso. Além de instrução de primeira qualidade, as freiras se preocupavam com a formação moral e religiosa de suas alunas, que saíam do colégio bem preparadas para se tornarem mães e esposas exemplares, professoras e até religiosas da própria Congregação de Sion.



Alunas do Colégio Sion em cerimônia da Primeira Comunhão saem da capela erguida nos fundos do antigo Palácio Imperial. 1903. Acervo Museu Imperial.



## CURIOSIDADE

O palácio foi alugado com vários móveis da família imperial nele existentes. Porém, ao deixarem o prédio anos mais tarde, as irmãs não refizeram as obras para devolução como o tinham recebido e levaram móveis, descumprindo o contrato de aluguel.



Alunas do Colégio Notre Dame de Sion em momento de recreação nos jardins do antigo Palácio Imperial. Acervo Museu Imperial.



## PENSE NISSO!

As alunas do Sion eram aceitas no colégio através da indicação de famílias conhecidas na sociedade. Era costume uma ex-aluna ou uma pessoa influente, no meio social ou político, fazer a apresentação da candidata. Havia outras exigências para uma aluna ser aceita no Colégio Sion, como o aspecto religioso e a origem da família. Filhas de pais separados e filhas de artistas, por exemplo, não eram bem vistas pelas freiras e eram impedidas de frequentar o colégio. O que você acha dessas exigências do colégio?

**EM SUA OPINIÃO, ERAM REGRAS PRECONCEITUOSAS?**

As alunas tinham aulas de Português e Literatura Portuguesa; Inglês, Francês, Latim e Literatura Estrangeira; História Geral e do Brasil; História da Arte, da Música, das Ciências, da Filosofia e da Igreja; Biologia; História Natural; Zoologia; Mineralogia; Geografia; Matemática, Geometria, Álgebra e Trigonometria; Física e Química. Além dessas disciplinas, elas tinham aulas de Desenho, Música, Pintura, Ginástica e Prendas do Lar.



Sala de aula do Colégio Sion no antigo Palácio Imperial. Acervo Museu Imperial.



Alunas do Colégio Sion ao piano no segundo pavimento do antigo Palácio Imperial. Acervo Museu Imperial.





Sala de aula montada na antiga sala de jantar do Palácio Imperial. Acervo Museu Imperial.

## CURIOSIDADE

No Colégio Sion, quando as aulas eram dadas por um professor, havia sempre na sala de aula uma irmã da congregação que o acompanhava como assistente. As alunas nunca ficavam sozinhas com alguém do sexo masculino.

No início de seu funcionamento, o colégio não contratava professores do sexo masculino, apenas freiras estrangeiras davam as aulas e o idioma falado em sala de aula era o francês. Aos poucos, freiras brasileiras também passaram a dar aulas, mas o francês continuou a ser a língua predominante entre alunas e professoras. Porém, era difícil encontrar entre as freiras quem pudesse dar aulas de Química, Física e Biologia e foi assim que professores homens começaram a dar aulas no Colégio Sion.

Para manter a qualidade de ensino, as alunas do Sion tinham que fazer provas orais e escritas. Nesse sistema de avaliação, as alunas, além de serem submetidas mensalmente às arguições e exercícios escritos, ainda tinham que passar pelas provas bimestrais e pelas provas orais semestrais, realizadas por uma banca formada por três professores. Na avaliação mensal, dependendo da média obtida nos exercícios e testes e da avaliação disciplinar, as irmãs premiavam as alunas concedendo-lhes os chamados “fitões”.



## SAIBA MAIS...

Os fitões eram usados pelas alunas do Colégio Sion, em diagonal, sobre o uniforme. Eram feitos de seda e tinham a cor da série que as alunas cursavam. Havia três tipos de fitão: um, o mais estreito, concedido para aplicação; outro, mais largo, para obediência e comportamento; e um terceiro, também largo e com galão, incluía tanto comportamento quanto aplicação, conhecido como o Grande Cordão de Honra. Também eram distribuídas, ao final do ano letivo, nas festas de encerramento e formatura, medalhas de bronze, prata e ouro pela avaliação da aplicação, comportamento e honra das alunas.



A sede da Congregação Notre Dame de Sion continuava sendo a casa da Rua Silva Jardim, de onde as irmãs saíam, diariamente, em direção ao Palácio Imperial, para cuidar do colégio. Em 1905, começou a construção do novo prédio do colégio, na Rua Benjamin Constant, para onde este se transferiu em dezembro de 1907. O Colégio N. D. de Sion funcionou ali até dezembro de 1968, quando foi instalada em suas dependências a Universidade Católica de Petrópolis.



Grupo de alunas das primeiras décadas do século XX no prédio do Colégio Sion, atual Universidade Católica de Petrópolis, à Rua Benjamin Constant. Acervo Museu Imperial.



## VOCÊ SABIA...

Que a presidente Dilma Rousseff começou o Ensino Fundamental no tradicional Colégio Sion? Foi em Belo Horizonte, na década de 1950, e o colégio, exclusivo para meninas, era tido como o melhor da cidade. Além das disciplinas tradicionais, oferecia aulas de Etiqueta, Francês e Religião.



*É o que você acharia de ser coroado por ter bom comportamento na escola e por tirar boas notas quando chegasse ao final do Ensino Médio?*

Pois o momento máximo para toda aluna do Colégio Sion era a “coroação”. Havia dois tipos de coroas dadas às alunas do 3º ano do Colegial (atual Ensino Médio). A de prata era entregue à aluna que tinha ingressado no Sion mais tarde, ou seja, não entrara no Primário (Fundamental I) ou, ainda, cujas notas e comportamento não tinham sido os melhores; a de ouro era recebida por aquela aluna tida como exemplo, que fizera todo o curso no Sion e cujo comportamento e aplicação eram exemplares. A Cerimônia da Coroação contava com a presença do bispo da cidade, o qual coroava as formandas.



Formandas “coroadas” da década de 30 do século XX.  
Acervo Museu Imperial.



## PASSATEMPO

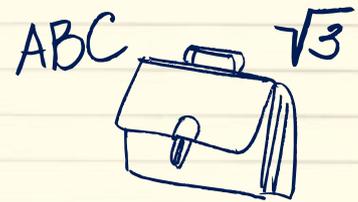
### JOGO DOS ABSURDOS

Observe bem a cena e descubra cinco elementos que não poderiam estar presentes em uma imagem do século XIX como esta.



*Mas você deve estar curioso para saber como era a educação em Petrópolis bem antes da vinda do Colégio Sion, não é mesmo?*

Bem, a primeira escola na região da futura Petrópolis foi aberta na fazenda do Itamarati pelo visconde de Baependi para atender os filhos dos colonos que ali passaram a morar, em 1839, por ocasião das obras na Estrada Normal da Serra da Estrela. Essa escola de “primeiras letras” (ensinava a ler, escrever e as quatro operações da Aritmética) teve como professor o colono Conrad Leonard Bittermann, mas não funcionou por muito tempo. Encerrou suas atividades em 1842, pois, em 1841, só existiam três famílias no local. Não se tem informações sobre a formação do colono Bittermann, mas sabe-se que os professores eram escolhidos entre os próprios imigrantes, levando-se em consideração o nível cultural e o aspecto moral dos candidatos.



## FIQUE POR DENTRO

Em 15 de outubro de 1827, foi assinada a Lei Geral do Ensino, que estabeleceu a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Outorgada por dom Pedro I, passou a ser a principal referência para os professores nas províncias. A lei tratava de assuntos diversos: salário de professores, currículo, método de ensino, critérios para contratação de mestres... Por ser uma lei muito importante para o ensino, o dia 15 de outubro, data de sua assinatura, acabou se tornando o “dia do professor”. Agora, quando você der os parabéns ao seu professor ou sua professora neste dia, já sabe onde tudo começou.

A partir de 29 de junho de 1845, chegou a Petrópolis um grande número de colonos germânicos, contratados para colonizar a cidade e colaborar na construção do Palácio Imperial, além de outras residências e obras públicas. O número de crianças no início da colonização era grande, sendo necessária a abertura de escolas para atendê-las. Esta era, aliás, a maior preocupação do Major Júlio Frederico Koeler, diretor da colônia.

E foi assim que, em 1846, as primeiras escolas primárias começaram a surgir na Imperial Colônia Germânica de Petrópolis. Neste ano, havia seis escolas em funcionamento: cinco mistas – de meninas e de meninos – e uma só de meninas. Os professores contratados eram os germânicos Pedro Jacoby, Frederico Husch, Martin Dupont, Auguste Moebus, João Guilherme Schmidt e Theodor Pausacker, e as aulas eram dadas em alemão.

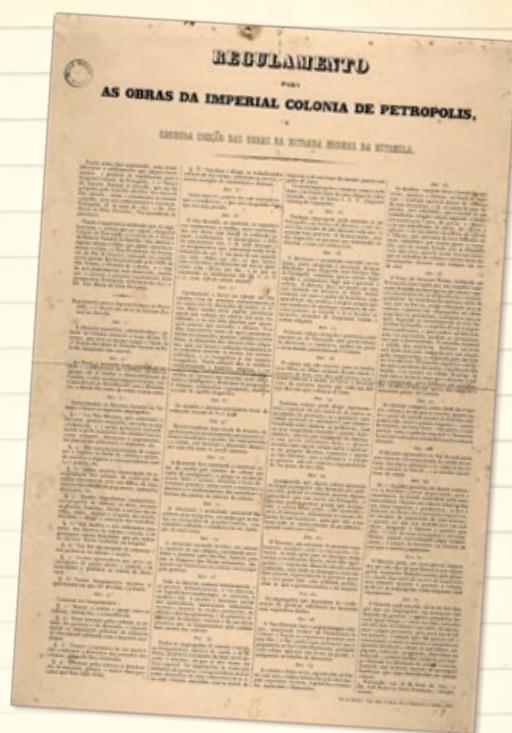
Professor Pedro Jacoby. 20/03/1864.  
Acervo Museu Imperial.



Em outubro deste mesmo ano, através de um regulamento, foram criadas duas escolas públicas oficiais de primeiras letras em Petrópolis, uma para meninos e outra para meninas. Essa iniciativa se deu para integrar os imigrantes germânicos à cultura brasileira, já que as autoridades estavam preocupadas com a predominância daquela cultura estrangeira na cidade. Nestas escolas oficiais as aulas eram dadas em português.

Já no ano seguinte, em 1847, o presidente da província do Rio de Janeiro criou um regulamento determinando que houvesse na colônia até oito escolas: seis mistas e duas de meninas. As aulas seriam dadas de segunda-feira a sábado e as crianças aprenderiam a ler, a escrever e a contar, além de ensinamentos religiosos. Também ficou acertado que os alunos receberiam material didático, como livros elementares, papel, tinta, penas (canetas) e tabuadas.

O regulamento ainda previa a criação de uma escola de música na qual se ensinaria, gratuitamente, aos meninos colonos e aos brasileiros a prática dos instrumentos musicais e canto.



Regulamento para as obras da Imperial Colônia de Petrópolis. 1847. Acervo Museu Imperial.



## VEJA QUE INTERESSANTE!

Em uma das escolas para alunos mais adiantados seria ensinado Geografia, História, Aritmética, Geometria, Desenho e o uso da agulha magnética.

### MAS... PARA QUÊ SE APRENDIA A USAR UMA AGULHA MAGNÉTICA?

A agulha magnética é um instrumento de navegação e orientação geográfica usado para indicar os pontos cardeais. A agulha é atraída para o pólo magnético terrestre e aponta sempre para o norte, indicando a direção para onde se deseja ir.

### A AGULHA MAGNÉTICA É MAIS CONHECIDA COMO?



*Bússola*



*Ampulheta*



*Astrolábio*



Já em 1848, Petrópolis oferecia às crianças da colônia germânica quatro escolas: uma no Quarteirão Renânia Central, outra no Quarteirão Nassau, uma terceira na Rua do Imperador e a quarta no Quarteirão Palatinato. As três primeiras eram católicas e a quarta, protestante. No entanto, o novo diretor da colônia, Galdino Pimentel, apresentou em seu relatório desse ano a intenção de ir pouco a pouco reduzindo as escolas totalmente germânicas até que fossem substituídas por escolas brasileiras.

## E VEJA SÓ!

Os pais que não enviassem seus filhos maiores de sete anos de idade e menores de doze para a escola por pelo menos três dias na semana pagariam multa por cada um dos dias.

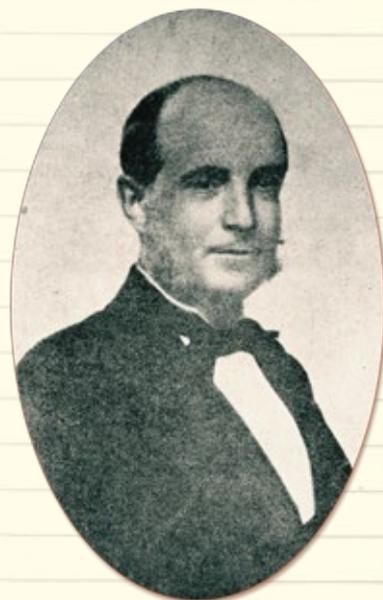


## SUGESTÃO

Atualmente, os “bairros” de Petrópolis são mais conhecidos por seus nomes populares: Valparaíso, Centro, Quitandinha, Retiro... Porém, na verdade, a cidade ainda é dividida em quarteirões e eles possuem seus nomes originais. Que tal fazer uma pesquisa com seus colegas para descobrir os nomes dos quarteirões da cidade e suas localizações?

Ainda em 1848, foi fundado na Rua Nassau (atual Piabanha) o Colégio Petrópolis (mais conhecido como Kopke). O colégio iniciou suas atividades dois anos depois, com 55 alunos, e foi o primeiro grande educandário particular da cidade, permanecendo aberto até 1881. Seu método de ensinar era reconhecido como sendo de ótima qualidade, não só entre os moradores de Petrópolis, mas também entre a população da Corte e de outras cidades do país. Isso o tornou bastante procurado pela elite da época, principalmente industriais, comerciantes e diplomatas, que matriculavam seus filhos com frequência. Era dirigido por Henrique Kopke e tinha excelentes professores nas salas de aula, como João Batista Calógeras, José Ferreira da Paixão, Bernardo Faletti, barão de Schneeberg, dr. Thouzet, Emilio Chevalier e barão de Tautphoeus.

No Kopke, que mantinha o sistema de internato, os alunos levantavam-se às 6 horas da manhã, rezavam, faziam a higiene corporal e logo em seguida se dedicavam aos estudos. As matérias ensinadas, incluindo as Primeiras Letras, eram Religião Católica, Moral Cristã, Caligrafia, Português, Gramática, Latim, Francês, Alemão, Inglês, Matemática, Geometria, Desenho, Química, Física, Geografia, História, Mineralogia, Zoologia, Filosofia, Escrituração e Contabilidade Comercial, Canto, Piano, Música, Dança, Esgrima e Ginástica.



Henrique Kopke, um dos fundadores do Colégio Petrópolis. 1881. Acervo Museu Imperial.



Prédio do Colégio Petrópolis (Kopke), localizado à Rua Nassau (atual Piabanha). Litografia de Heaton e Rensburg. Guliel Kopke (delt. edift. et instt.). Acervo Museu Imperial.

## IMAGINE ISSO...

Você consegue imaginar, nos dias de hoje, uma aula de natação no Rio Piabanha?  
Pois era lá que os alunos do Colégio Kopke aprendiam a nadar.

**INCRÍVEL, NÃO?!**



Havia na época constantes discussões sobre a importância da formação e da instrução das crianças e jovens. As escolas ofereciam ensino com um conteúdo muito extenso, desde os sete anos de idade, enaltecendo os alunos que conseguiam passar por sabatinas e arguições das mais difíceis.



**Converse com seus avós ou bisavós sobre as atividades escolares e provas que eles faziam quando estudavam. Procure entender durante a conversa o que significa uma “sabatina” e uma “arguição”.**

Com os bons resultados obtidos em seu exame do final do ano de 1857, o Colégio Kopke publicou uma nota comemorativa no principal jornal da região, *O Parahyba*: “Foi sumamente satisfatório o resultado desses exames, em que mais de um aluno excedeu o que se deveria esperar de sua pouca idade e curto espaço de aprendizagem”. No entanto, a sociedade concordava que a escola só poderia cumprir o seu papel de instruir os alunos se a educação dada em casa pelos pais cumprisse a sua finalidade: a formação moral de seus filhos.

D. Pedro II tinha o hábito de acompanhar o rendimento escolar dos alunos de Petrópolis. Era comum visitar as escolas durante sua permanência na cidade e não costumava avisar sobre sua chegada. O Colégio Kopke recebeu a visita do imperador repetidas vezes e, em uma delas, que ocorreu no dia 27 de abril de 1858, chegou de surpresa às dez e meia da manhã e demorou duas horas inspecionando as aulas do colégio. Em 25 de maio de 1875, em mais uma visita, d. Pedro assistiu a várias aulas, mostrando-se satisfeito com as provas apresentadas pelos alunos.

A propósito do interesse do imperador pela educação, este disse certa vez a amigos na França:

*“Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor.  
Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as  
inteligências jovens e preparar os homens do futuro”.*



A educação em Petrópolis continuou a ser respeitada ao longo dos anos. Os colégios da cidade ganharam fama de ter um ótimo ensino, excelentes professores e de zelar pela formação moral e religiosa de seus alunos. O cultivo dos hábitos de higiene pessoal e etiqueta faziam parte do dia a dia dos estudantes e a disciplina era observada com rigor. A família acompanhava com interesse o desenvolvimento da aprendizagem de seus filhos e os professores só eram contratados depois de passar por uma entrevista na qual fosse comprovada a sua capacidade profissional, sua idoneidade moral e postura religiosa. Petrópolis era conhecida como uma das cidades mais cultas do Brasil e seu índice de analfabetismo era bem mais baixo, se comparado a outras cidades do país.



Chegou a ocupar, no final do século XIX, o primeiro lugar do estado do Rio de Janeiro na luta contra o analfabetismo. Em 1892, a taxa era de 71,2% e, em 1920, já havia sido reduzida para 50,44%, números considerados excelentes para a época.



## COMPARE...

### E COMO ESTÁ A SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM PETRÓPOLIS ATUALMENTE?

Em 2010, de acordo com o último Censo Demográfico, a população de Petrópolis contava 295.917 pessoas, sendo que 61.526 delas em idade escolar, ou seja, entre quatro e dezessete anos de idade. Dentre as crianças e adolescentes nesta faixa etária, poucos estavam fora das salas de aula e a qualidade do ensino já se mostrava superior à média do Rio de Janeiro. E até mesmo à média nacional, segundo a Prova Brasil - avaliação realizada a cada dois anos pelo Ministério da Educação e que mede o desempenho dos alunos do 5º e do 9º anos do Ensino Fundamental, em Língua Portuguesa e Matemática, nas escolas públicas.

PROVA BRASIL - 2009				
REGIÃO	LÍNGUA PORTUGUESA		MATEMÁTICA	
	5º ano	9º ano	5º ano	9º ano
PETRÓPOLIS	194,78	258,21	213	261,94
RIO DE JANEIRO	186,73	241,59	205,01	243,28
BRASIL	179,58	236,96	199,52	240,29

A taxa de analfabetismo de Petrópolis em 2010 foi de apenas 1,1% entre crianças de dez a quatorze anos de idade e de 4,0% entre adolescentes a partir de quinze anos e a população de jovens e adultos.



Canetas esferográficas e de ponta porosa de cores variadas, corretivos instantâneos, cadernos e borrachas de formatos e modelos diferentes, lapiseiras, régulas plásticas, quadro branco e até digital, cola bastão, mochilas coloridas e com rodinhas, estojos variados, carteiras individuais... Estes e outros materiais fazem parte do cotidiano das salas de aula e de alunos dos dias de hoje que possuem certa condição social.

### *É no século XIX, o que se usava no ambiente de sala de aula?*

Naquela época, os objetos utilizados para o estudo se diferenciavam dos utilizados atualmente, sobretudo no que diz respeito à variedade e à tecnologia empregada. Alguns materiais didáticos eram indispensáveis ao bom funcionamento das escolas. De acordo com a maioria dos regulamentos, nas salas de aula deveriam constar: a imagem de Jesus Cristo crucificado, um relógio, um armário, uma mesa com um estrado e uma cadeira de braços para o professor, bancos e mesas inclinadas com tinteiros fixos para os alunos, uma ampulheta, um quadro preto de ardósia (pedra), esponjas e giz, lousas (ardósias) individuais para os alunos, papel e compêndios (livros), cabides para chapéus, lápis de ardósia, penas de aço, régulas com guarnição de metal.



## CURIOSIDADE

No século XIX, quando passou a ser utilizado no Brasil, o quadro negro não era apenas um objeto da sala de aula, usado somente pelo professor. Cada aluno possuía uma pequena lousa individual de ardósia e a lista de materiais escolares não incluía lápis, mas sim pedras de escrever. Para limpar a lousa era necessário usar um pano e um vidro com água. Muitas vezes os alunos, bem espertinhos, davam uma cusparada, podendo ser punidos pela atitude com uma reguada. Somente depois que soubessem escrever bem e tivessem uma caligrafia bonita nas pedras de ardósia, os alunos poderiam começar a escrever com tinta e pena de aço.

O uso de todo esse material em sala de aula devia acontecer de forma correta, tanto por parte dos professores como por parte dos alunos. Além disso, deviam zelar pelo asseio, mantendo as salas limpas. Ordem, higiene e asseio faziam parte do comportamento e das atitudes dentro da sala. Eles faziam parte da disciplina escolar, moldando e reforçando valores morais. Era comum, por exemplo, as crianças usarem diariamente uma folha de papel resistente sobre a carteira para protegê-la contra arranhões.



Na sala de aula daquela época, o professor ocupava posição de destaque, de controle e de domínio sobre os alunos. As salas possuíam um estrado bem visível sobre o qual ficava a mesa do professor, que era posicionada de frente para os alunos. Assim, o controle e a vigilância do professor ficavam bem mais fáceis. Os bancos de madeira eram longos e ocupados por dois ou mais alunos, geralmente não possuindo encosto. As mesas eram do mesmo jeito, longas e compridas, com leve inclinação para facilitar o ato de escrever.



## CURIOSIDADE

### POR QUE O QUADRO NEGRO É VERDE?

No século XIX, quando o quadro negro começou a ser produzido em escala industrial, o material utilizado para sua fabricação era a ardósia preta. Já no século XX, o negro foi sendo substituído pelo verde, cor considerada, na época, mais adequada para a utilização do giz. Atualmente, são encontradas nas salas de aula lousas feitas de laminados de madeira, pintados de preto, verde ou até mesmo azul. Existem ainda os quadros brancos, que podem ser escritos com caneta e as lousas digitais, capazes de exibir fotos, vídeos e informações escritas com uma caneta eletrônica.

Mesmo com a criação das escolas públicas e particulares, as escolas alemãs continuaram a existir em Petrópolis por um bom tempo e tinham a preferência dos filhos dos imigrantes, sendo citadas nos relatórios oficiais da província do Rio de Janeiro.

Além do Kopke, um outro colégio interno para meninos era muito prestigiado pela população local e de fora: o Colégio Calógeras! Funcionava desde 1851 em um casarão na Rua Visconde de Souza Franco alugado pelo seu diretor, João Batista Calógeras, um grego naturalizado brasileiro e conhecido como homem de grande cultura.



Vista do vale do Palatinato, vendo-se o prédio onde funcionaram os colégios Calógeras, Faletti e Paixão e, ao fundo, o Morro da Alcobaça. Fotografia da Coleção Kopke Júnior. Acervo Museu Imperial.



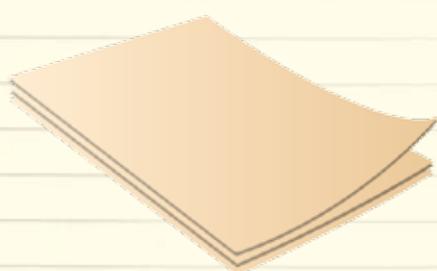
O edifício do Calógeras possuía salões espaçosos para classes e estudos, dormitórios, refeitório e casa de banhos, além de um terreno para recreio dos alunos. O colégio, de ótima qualidade de ensino, tinha oito professores lecionando, além do próprio diretor. Dois inspetores se dividiam nos cuidados aos alunos: um era responsável por aqueles de idade maior de dez anos e, outro, pelos menores. Este cuidava, inclusive, de pentear, vestir e tratar das roupas dos alunos. Os inspetores os acompanhavam durante o recreio, o banho, os passeios, os estudos e a toda e qualquer parte onde os alunos fossem em grupo.

O ensino do Colégio Calógeras era dividido em seis anos: o primeiro compreendia as Primeiras Letras; o segundo, o ensino das Gramáticas Portuguesa e Francesa, História Sagrada e Aritmética; e os outros quatro eram destinados aos estudos que habilitassem os estudantes para os cursos superiores de Medicina, Direito, Militar e Naval. Para os alunos que quisessem se dedicar à carreira do comércio, havia uma aula de Escrituração Mercantil (Contabilidade) e o ensino das Línguas Grega, Italiana e Alemã era opcional. Quando algum aluno ficava doente, havia sempre um médico e enfermeiras para dar assistência.



**PASSATEMPO**

Em 1856, Augusto estudava no Colégio Calógeras. Nesta época, quais objetos faziam parte da sua sala de aula?  
**CIRCULE OS QUE VOCÊ ENCONTRAR.**



No mesmo prédio onde o Colégio Calógeras ficou instalado por sete anos, funcionaram posteriormente dois outros educandários: o Colégio Faletti e o Colégio Paixão. D. Pedro II visitou estas três instituições de ensino várias vezes. A imprensa da época registrou sua visita ao Colégio Calógeras em 28 de abril de 1858, ocasião em que o imperador mencionou sua vocação para mestre-escola, e outra em 17 de março de 1881, quando visitou o Colégio Paixão e por lá ficou duas horas, assistindo aulas de Geografia, Latim e Álgebra.



Ainda nesta época, em 1853, foi apresentado um relatório pelo presidente da província, conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, informando que o número de habitantes em Petrópolis era de 2.845 indivíduos, sendo 1.231 com menos de 15 anos e 551 com menos de cinco anos, o que resultou em 680 indivíduos entre 5 a 15 anos. Destes, frequentavam a escola 450 crianças, demonstrando que houve cerca de 70% de atendimento às crianças em idade escolar.

Neste ano de 1853, foi inaugurada a Escola da Sociedade Brasileira Alemã destinada aos que queriam aprender conceitos de Ciências e Mecânica para melhorar a produção nas indústrias e na agricultura. A escola, que funcionou até 1862, oferecia aulas gratuitas em horário integral e foi pioneira no segmento de capacitação profissional.

Também em 1853, foi aberto o colégio de moças de Madame Taulois, que possuía 18 alunas matriculadas.

Já em 1855, existiam em Petrópolis três escolas de Instrução Pública Colonial, para os filhos dos colonos germânicos. As aulas eram dadas em alemão, mas havia ensinamentos no idioma português. Havia também duas escolas de Instrução Pública Nacional, uma para o sexo feminino e outra para o masculino. O ensino particular oferecia ao público quatro escolas: a do professor Henrique Kopke, a de João Batista Calógeras, a de Jacintho Augusto Mattos e a escola feminina Alphonse Diemer, dirigida por sua esposa, Jenny Diemer.

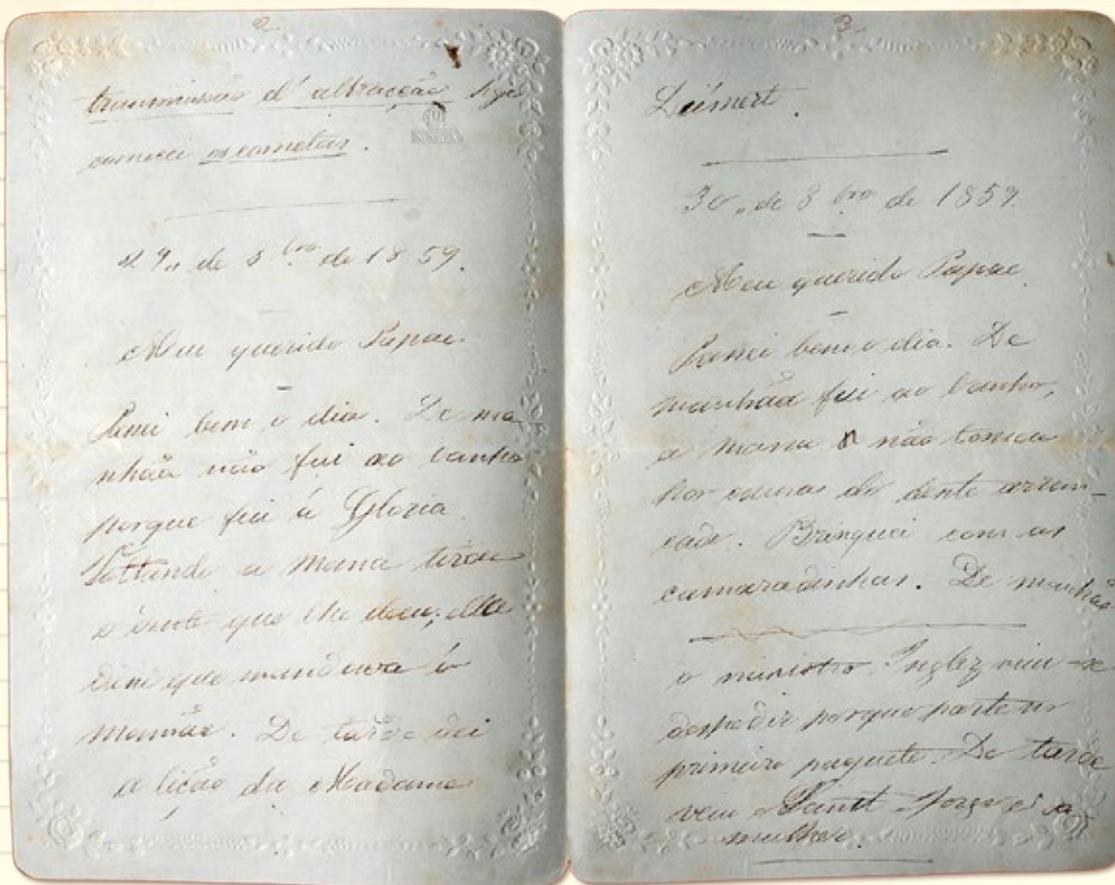
Na maioria das vezes, essas escolas não tinham um prédio próprio, como o do Colégio Kopke. Funcionavam em casas alugadas e os cômodos eram transformados em sala de aula. Eram espaços adaptados, onde por vezes residiam seus diretores e mestres. Os professores eram contratados pelos diretores dos estabelecimentos, que davam aulas a crianças e jovens de idades e famílias diferentes, em horários que poderiam ser parciais ou integrais. Este era o caso dos colégios para moças, dirigidos por professoras francesas (as “madames”), e que oferecia uma educação de qualidade para jovens de famílias de elite da cidade.

As moças tinham aulas de Leitura, Escrita, Gramática Nacional, Língua Francesa e Inglesa, elementos de Aritmética, História Geral, Geografia Geral, História Sagrada, História e Geografia do Brasil, Canto, Piano, Dança, Desenho, Pintura e Prendas Domésticas, compreendendo todos os trabalhos de agulha, tapeçaria, bordados e crochê. Para que todas as meninas aprendessem facilmente a língua francesa, este era o único idioma falado no colégio.

Outros colégios desse gênero foram responsáveis pela educação feminina da elite petropolitana daqueles anos, onde as moças da cidade aprendiam boas maneiras, cultura e prendas domésticas. Dentre eles, estão os colégios de Madame Cramer, Madame Geslin, Madame Cornélia e Madame Diemer, este último organizado pela professora francesa Jenny Diemer, que também deu aulas particulares de desenho e bordado para a princesa Isabel.



Colégio para moças de Madame Geslin, situado na atual Rua Sete de Abril. Fotografia de M. Luís de Resende Júnior. Acervo Museu Imperial.



Carta da princesa Isabel escrita ao pai, d. Pedro II, comentando ter feito a lição da Madame Diemer, dentre outros assuntos. 29/10/1859. Arquivo Grão Pará.



## VOCÊ SABIA...

**Que antes da borracha ser inventada as pessoas utilizavam miolo de pão para apagar?** A borracha é capaz de apagar o que está escrito porque desgasta a parte superficial do papel. Além disso, o grafite do lápis gruda com mais facilidade na borracha do que no papel, por isso a borracha fica suja ao longo do tempo. O miolo do pão, assim como a borracha, desgasta o papel sem rasgá-lo.

**Que um lápis comum pode escrever aproximadamente 45 mil palavras ou riscar uma linha que atingiria 56km de comprimento?** Já uma caneta esferográfica possui tinta suficiente para riscar uma linha de apenas 3km de comprimento.

**Que o papel foi inventado na China?** No século II, quando foi criado, o papel era feito de fibras de algodão, retiradas de panos velhos. Com a invenção das máquinas de impressão, no século XV, começaram a faltar panos que pudessem ser utilizados na fabricação do papel. Apenas em 1850, materiais extraídos da madeira começaram a ser empregados para este fim.



Uma obra social importante voltada para dar formação moral, educacional e profissional a meninas carentes foi iniciada no ano de 1868, em Petrópolis, pelo padre João Francisco de Siqueira Andrade. O religioso coordenou o projeto de criação da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, instituição de ensino que existe até hoje em nossa cidade, à Rua Roberto Silveira. O padre Siqueira tinha grande preocupação com a educação das meninas pobres e das órfãs, que não tinham as mesmas oportunidades que as outras para estudar e ter uma chance de trabalho no futuro. Assim, em 1871, a escola iniciou suas atividades com 18 alunas, número que foi aumentando com o passar dos anos. As meninas que lá estudavam eram preparadas para o casamento, o serviço doméstico e o magistério. Fazia parte do ensino aprender a ler e a escrever corretamente a língua portuguesa, dominar as quatro operações de Aritmética, fazer exercícios de leitura em livros piedosos, aprender História Sagrada e canto, cozinhar, lavar, engomar roupas, horticultura e jardinagem, noções de confeitaria, prática de enfermagem de casa, confecção de flores e chapéus, obras de agulha, bordado e costura.



Grupo de alunas e professoras da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo. Acervo Museu Imperial.

As alunas que apresentavam um melhor desempenho nos estudos matriculavam-se em aulas para tornarem-se professoras. A família imperial, bem como várias pessoas da sociedade da época, colaborou com donativos e com a participação em festas de caridade organizadas para auxiliar na realização deste projeto.

Ainda na década de 1870, o padre Nicolau Germain fundou em Petrópolis um asilo para meninas carentes, que anos mais tarde se transformaria no Colégio Santa Isabel. A instituição conseguiu estabelecer-se na cidade graças à ajuda que obteve da população, principalmente da condessa do Rio Novo e do monsenhor Francisco Bacelar. A condessa realizou a venda do prédio onde hoje o colégio se encontra, por preço bem abaixo do valor real, com a condição de que fosse apenas utilizado para a educação de meninas pobres. Já o monsenhor contribuiu com recursos financeiros para a implantação do Santa Isabel. Posteriormente, o colégio passou a ser administrado pelas irmãs da Congregação de São Vicente de Paulo, que até hoje o dirigem.



Vista geral do Colégio Santa Isabel. Acervo Museu Imperial.

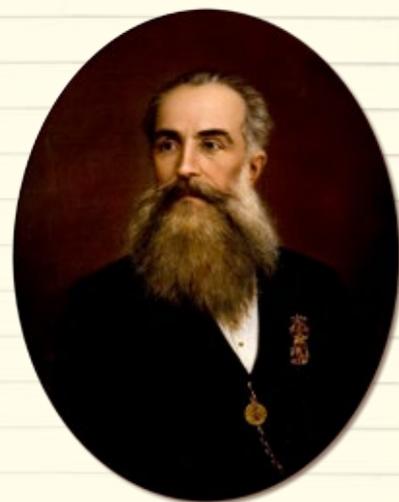


Alunas do Colégio Santa Isabel em visita ao Museu Imperial. 1956. Acervo Museu Imperial.



Em 1876, foi fundada em Petrópolis a Escola Paroquial da Comunidade Evangélica Alemã, tendo como diretor Frederico Stroelle. Rapidamente, o número de alunos da escola cresceu, atingindo 120 matrículas no ano de 1880. Nessa época, era comum a ocorrência de visitas do imperador d. Pedro II ao colégio, que examinava os alunos até em conhecimentos da língua alemã.

Em 1939, a escola, até então alemã, foi nacionalizada, passando a funcionar de acordo com as leis brasileiras. Posteriormente, a instituição mudou seu nome para Educandário Júlio Frederico Koeler, em homenagem ao fundador de Petrópolis. Após enfrentar dificuldades financeiras e quase ter encerrado suas atividades em duas ocasiões, 1927 e 1972, a instituição voltou a passar por nova crise na década de 1980. Nesse período, o aumento das escolas públicas fez com que diversos alunos fossem estudar em seus próprios bairros, evitando o deslocamento até o educandário, localizado na Av. Ipiranga. Assim, em 1986, o Educandário Júlio Frederico Koeler encerrou suas atividades, após 110 anos de tradição.



Frederico Stroelle. Óleo sobre tela de Ernesto Papf. 1892. Acervo Museu Imperial.

Anos mais tarde, em 1886, o padre português José Benedito Moreira adquiriu a propriedade em que funcionava o Colégio Kopke, ali instalando o Colégio Padre Moreira. O educandário era conhecido como rigoroso na prática da disciplina moral e pela excelente qualidade de seu ensino. Também se dava muita importância à igualdade entre as pessoas; não se conhecia privilégio de cor, de sangue, de condição social, de religião, de riqueza e nem de favoritismo. Por suas salas de aula passaram os filhos da princesa Isabel, além de muitas outras personalidades. Posteriormente, neste mesmo prédio, funcionaram o Colégio Cônego Bernardino, o Curso Werneck e o Bispado de Petrópolis.



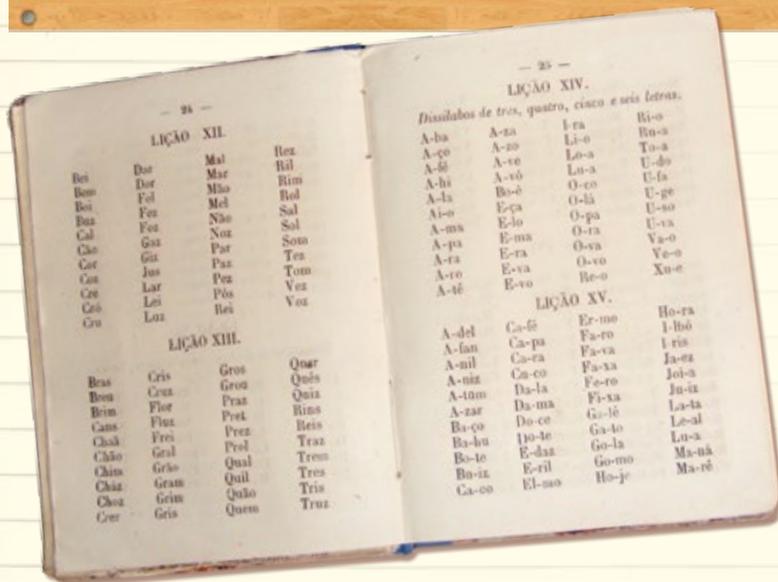
Grupo de alunos do Colégio Padre Moreira ao redor do padre José Benedito Moreira. Acervo Museu Imperial.





## SAIBA MAIS...

A cartilha, espécie de manual escolar utilizada na alfabetização e na aprendizagem da leitura, ficou conhecida no Brasil desde a época colonial. Nessa ocasião, elas apresentavam o alfabeto em grupos de letras para a formação de sílabas e textos religiosos escritos em português e latim. No início do século XIX, no Brasil, os manuais usados para ensinar a ler e escrever eram importados de Portugal, pois até o ano de 1808, não era permitida a publicação de livros nacionais. Os professores confeccionavam o seu próprio material para alfabetizar e usavam também cartilhas portuguesas como: *O Expositor Português e a Cartilha Maternal*. Os materiais produzidos pelos professores foram denominados *Cartas do ABC*, que traziam o alfabeto escrito de várias formas, valorizando a grafia. Na década de 1880, foi produzida a *Cartilha Nacional*, que propunha um trabalho simultâneo da leitura e da escrita e o ensino do som das letras para o aprendizado da leitura. Nessa mesma década, foi lançada a *Cartilha da Infância*, que foi usada nas escolas brasileiras até a década de 1980. As primeiras cartilhas nacionais, produzidas pelos professores fluminenses e paulistas, foram acompanhando o movimento sobre as questões dos métodos de alfabetização.



Em 1897, atendendo ao pedido de frades franciscanos de Petrópolis, as irmãs de Santa Catarina chegaram da Polônia ao Brasil. Quatro delas fundaram uma escola para educar os filhos dos colonos alemães residentes em Petrópolis.

*Expositor* (cartilha para o ensino da leitura e da escrita).

Acervo Museu Imperial.

# ABC

As irmãs atendiam aos doentes na Santa Casa de Misericórdia, que funcionava na cidade, e iniciaram uma ação educativa como professoras em casas cedidas. Em 1909, foi inaugurado o atual prédio do Colégio Santa Catarina, onde hoje funciona uma creche para crianças de 6 meses a 5 anos de idade e cursos profissionalizantes para jovens e adultos.

Grupo de alunas da Escola Gratuita Santa Catarina junto às irmãs Cláudia, Marcelina e Ildelfonsa. Acervo Museu Imperial.





## PENSE E RESOLVA

No Brasil do final da década de 1880, a população em idade de escolarização, composta de meninos e meninas de 6 a 15 anos, chegava a 1.902.454, dos quais apenas 321.449 estavam registrados como alunos. A partir dessas informações, calcule o número de crianças que estavam fora da escola, recebendo outro tipo de educação ou, simplesmente, sem nenhuma instrução.

Mas a educação das crianças e dos adolescentes não acontecia apenas nas escolas. Existiam três modalidades de educação que eram aceitas e reconhecidas como diferentes maneiras de educar crianças e jovens no Brasil do século XIX: o ensino público, oferecido nas escolas mantidas pelo Estado; o ensino particular, oferecido nos colégios particulares ou na casa dos professores (mestre-escola) e a educação privada ou doméstica, que era aquela que acontecia na casa do aluno. Nesta última, os pais contratavam os mestres, as habilidades e os conteúdos a serem ensinados a seus filhos, no tempo e disposição determinados pela família. Essa modalidade de educação era desenvolvida por professores particulares, preceptores, parentes (principalmente as mães) e, ainda, por padres.

A educação realizada na casa das famílias, antes um privilégio de príncipes e nobres, foi tornando-se popular entre as classes de melhor condição financeira, formadas por altos funcionários do governo e ricos comerciantes, que queriam dar a seus filhos uma boa educação.



As princesas Januária e Francisca foram as irmãs que mais tempo conviveram com d. Pedro de Alcântara (futuro imperador d. Pedro II) na infância. Nesta imagem, podemos ver os três príncipes no gabinete de estudo do Palácio de São Cristóvão. Litografia de Lemercier, segundo desenho de Félix Emile Taunay. Cerca de 1834. Acervo Museu Imperial.



Os preceptores eram mestres ou mestras que moravam na residência da família, às vezes, estrangeiros, contratados para a educação das crianças e dos jovens da casa. Era comum que as famílias que possuíam melhores recursos financeiros contratassem os preceptores.

Entendia-se à época que a mãe era a melhor educadora que os filhos poderiam ter e que cabia a ela o papel de mestra de suas crianças, considerando-se que nenhuma outra pessoa, por mais habilitada que estivesse, pudesse substituí-la nessa função. No entanto, as mães geralmente eram despreparadas para educarem seus próprios filhos, o que exigia das famílias a contratação de preceptores, professores particulares, ou que os matriculassem em colégios, dependendo da situação financeira de cada uma.

A educação da mulher, mesmo na Corte, era voltada para a vida doméstica, e as áreas de estudo oferecidas davam destaque aos trabalhos manuais e às regras sociais. Não era exigido o aprofundamento de conhecimentos, muito menos a aprendizagem de uma profissão, como ocorria na educação dos homens.

A educação que acontecia nas casas de famílias tinha como objetivo ensinar “de cor” todas as regras de Gramática, fazer a leitura de textos clássicos, dominar as quatro espécies de operações de Aritmética e ensinar todas as orações do catecismo. O ensino, desta forma, era baseado na memorização do que estava sendo ensinado. Os alunos fixavam os olhos sobre as páginas dos livros, realizavam inúmeros exercícios semelhantes, cópias, declamações, respondiam a sabatinas, arguições e eram corrigidos naqueles que eram considerados os “defeitos principais dos meninos”: distração, orgulho, sensualidade, preguiça, ambição, perversidade e egoísmo, assim como eram estimulados naquelas que eram consideradas “as principais qualidades a criar-se”: franqueza, ordem, atividade, pudor, civilidade, obediência e exatidão.

$$a^2 + b^2 = c^2$$



## FIQUE POR DENTRO

Em 1886, havia no Brasil 6.161 escolas primárias, das quais 5.151 públicas e 1.010 particulares, e o número de alunos era de 248.396. A população do Império era, na mesma época, de quase 14 milhões de habitantes, o que significa que apenas cerca de 2% da população frequentava a escola.

A província do Rio de Janeiro possuía, em 1888, 31.314 alunos atendidos em escolas públicas e particulares, e uma população aproximada de 1.200.000 pessoas, o que também evidencia nesta província um índice um pouco maior que 2% de alunos frequentando os estabelecimentos escolares.

Esses números demonstram que a educação doméstica, nas suas diferentes modalidades, ainda era uma das principais práticas de instrução.



## *O que acontece quando você ou um colega seu fala demais em sala de aula ou comete alguma indisciplina?*

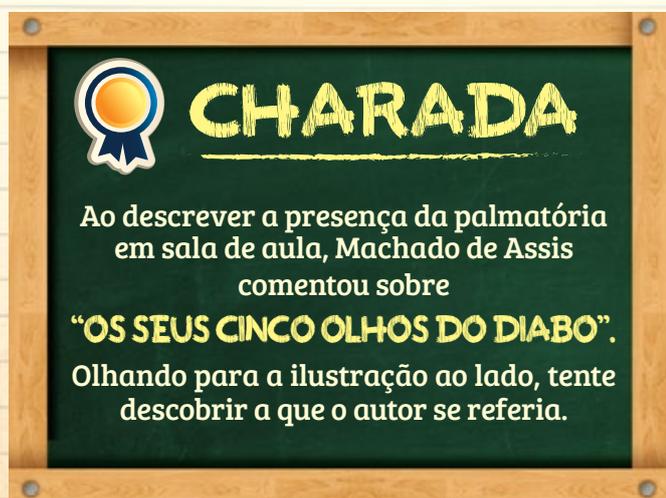
Pois saiba que no século XIX essas situações eram punidas com castigos físicos! O aluno que falasse demais em sala de aula, por exemplo, poderia receber do professor como castigo rolhas dentro da boca. Nas escolas do país neste período, entre os castigos corporais, era comum dar “bolos” (tapas) com o uso da palmatória, dar reguadas, puxões de orelha, ficar de joelhos ou de braços abertos. Há registros de castigos ainda mais cruéis, como o uso de chicote, correia, bofetadas e de pedaços de bambu ou vara de marmelo para castigar alunos por mau comportamento. Os castigos eram muito questionados pela imprensa, por alguns professores e por pessoas do governo que cuidavam de avaliar os assuntos ligados às escolas, mas o fato é que eles faziam parte do dia a dia das escolas e das casas.

Até havia leis proibindo os castigos corporais e orientando os professores para que os alunos recebessem apenas castigos morais (exposição ao vexame) nos casos de indisciplina e de dificuldades de aprendizagem, mas mesmo assim os corporais continuaram a ser aplicados, principalmente nas escolas particulares.

Autores literários importantes do século XIX retrataram em suas obras o castigo sofrido pelos alunos nas escolas, sobretudo os praticados com o uso da palmatória. Machado de Assis (1839-1908), um dos grandes autores daquela época, em seu texto “Conto de Escola”, publicado em 1884, escreveu:

*[...] O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória.  
Essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita,  
com os seus cinco olhos do diabo.  
Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la,  
com a força do costume, que não era pouca.*

*[...] Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos  
uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram  
as palmas vermelhas e inchadas.*



A palmatória deveria ser usada para bater “somente” na palma da mão, com dois ou três golpes no máximo.

Já os castigos morais costumavam expor à vergonha os alunos que se comportavam mal. E que castigos eram esses? Normalmente, os alunos indisciplinados eram castigados ficando isolados em um banco ou em uma sala (“solitária”); permanecendo no colégio depois do término das aulas; permanecendo em frente de um cartaz, no qual estavam listadas as faltas cometidas; escrevendo repetidas vezes que não deveriam mais cometer aquela falta ou erro; ficando sem ir ao recreio e a passeios; sendo repreendidos na frente de todos, entre outros métodos.

Em casa, os castigos morais também eram aplicados e, nesse sentido, havia a recomendação para que as mães recusassem o beijo das filhas antes de deitar para que as meninas refletissem sobre as suas faltas e para que dobrassem o castigo quando este fosse questionado. Era recomendado ainda obrigar a criança a copiar, a traduzir ou a recitar um trecho da literatura relacionada ao assunto da falta cometida; privá-la de descanso, dos brinquedos ou daquelas coisas que mais gostasse de fazer; escrever muitas centenas de vezes aquilo que errou; se batesse em alguém deveria apanhar para sentir na própria pele o erro praticado; se pegasse um objeto de outra pessoa, além de devolvê-lo deveria entregar um de seus favoritos.

Os costumes naquela época eram de fato muito rígidos e a infância era marcada por muitas regras. As crianças não podiam, por exemplo, falar na sala quando houvesse visitas; iam dormir às oito horas da noite e levantavam-se às seis da manhã; ainda não iam ao teatro, nem a bailes ou concertos; aprendiam a cumprimentar os vizinhos, a apertar a mão dos amigos do pai, a ter muito juízo, a não chorar quando a mãe saísse sem levá-la; aprendiam também que não podiam, de jeito nenhum, levantar a voz para os pais. Atitudes como estas eram ensinadas e cobradas das crianças com muito rigor.



D. Teresa Cristina, em pé, tendo à sua direita a princesa Isabel, sentada, com d. Pedro Augusto no colo, e, à sua esquerda, a princesa Leopoldina segurando d. Augusto Leopoldo sentado em uma coluna. Os meninos são filhos da princesa Leopoldina. Acervo Museu Imperial.



## CURIOSIDADE

Para serem fotografadas, as crianças eram enfeitadas e deveriam ficar em cadeiras ou no colo da mãe ou da avó. Era preciso ficar imóvel por no mínimo um minuto, para que a fotografia não saísse tremida. Por isso, as fotos de crianças eram realizadas em condições especiais, com horários determinados pelos fotógrafos.

Quando prontos, os retratos serviam para serem trocados entre membros ou amigos da família, sendo uma forma de lembrança.

Até os seis anos, as crianças andavam vestidas da mesma maneira e, depois dessa idade, é que se vestiam de acordo com seu sexo. Era também por essa idade que as crianças deixavam de dormir na mesma cama e que a educação começava a ter características diferentes para meninos e meninas. Aos poucos, passou-se a dar importância às brincadeiras e brinquedos, além dos exercícios físicos, para o desenvolvimento das crianças. Os jogos de faz-de-conta e teatrinhos passaram a ser vistos e estimulados como algo importante para o bem-estar das crianças.

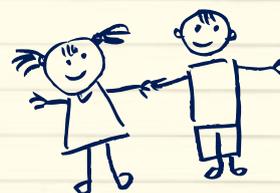
Os brinquedos artesanais existiam desde sempre, mas agora os pais passaram a comprá-los em lojas de brinquedos, normalmente fabricados na Alemanha ou França. Os mais comuns eram os velocípedes, os triciclos, os cavalinhos de madeira, as bonecas de porcelana e de pano, os carrinhos de boneca, as miniaturas de mercearias, as casinhas de boneca, os trenzinhos pintados, os soldadinhos de chumbo ou de madeira pintada, as espadas, as brincadeiras de faz-de-conta e as cantigas de roda.



Boneca de porcelana Meissen, vestida com roupa de menina, da época de 1860. Presente da princesa Isabel a uma colona de Petrópolis. Acervo Museu Imperial.



Carrinho de boneca feito de vime, madeira, ferro e pano-couro. Dim.:64cm; 54cm; 30,5cm. Fabricação belga. Século XX. Acervo Museu Imperial.



Princesa Isabel sentada no canto direito, o neto d. Pedro Gastão brincando com um cavalinho de pau, o filho d. Pedro, a nora d. Elizabeth e mais quatro pessoas não identificadas. Cerca de 1920. Arquivo Grão Pará.



Jogos como os de tabuleiro eram praticados no final da infância e na adolescência. O jogo de xadrez colaborava para desenvolver as habilidades de lógica, tática e estratégia e, desde a Idade Média, tornou-se parte da cultura da nobreza, sendo usado como entretenimento e ensino de estratégia militar.



Jogo de xadrez que pertenceu aos filhos da princesa Isabel. Peças feitas de osso. Acervo Museu Imperial.



## PASSATEMPO

Os filhos da princesa Isabel brincam na sua residência em Petrópolis, hoje Casa da Princesa. O brinquedo foi o primeiro triciclo com corrente de transmissão que veio para o Brasil.

**DESCUBRA E MARQUE A SOMBRA CORRETA DA IMAGEM DOS MENINOS ANDANDO DE TRICICLO.**



À frente do triciclo, d. Luís; no meio, d. Pedro e atrás, d. Antônio. Reprodução fotográfica por anônimo de original fotográfico de Otto Hees, do acervo do Arquivo Grão Pará. 1888. Acervo Museu Imperial.





## VEJA SÓ!

A partir da segunda metade do século XIX, os adultos começaram a achar que as crianças podiam se tornar melhores através da educação. Isso porque era comum os adultos pensarem que as crianças eram boas ou más, e que as más ou fracas não tinham como melhorar.

Mas, pouco a pouco, eles foram mudando de ideia e passaram a achar que as crianças com mais dificuldades podiam superá-las e as boas também podiam se aprimorar através da educação. Já naquele momento, este parecia ser o grande desafio de pais, mestres, médicos e políticos.

Para se falar da infância de meninos e meninas no Brasil do século XIX é preciso dividi-la em duas: a das crianças dos senhores da casa e a das crianças dos escravos. Embora vivessem juntas e dividissem boa parte do cotidiano até a puberdade, ambas tinham infâncias muito diferentes em termos de cuidados, perspectivas e ensinamentos.

Cercadas de “criados”, as crianças da elite já cresciam na condição de senhores de escravos, condição essa que lhes era dada muito cedo.



As crianças escravas já nasciam com um destino certo: pertencer a alguém que poderia vendê-las, alugá-las ou trocá-las, muitas vezes sendo separadas de suas mães. As mães escravas, por sua vez, eram emprestadas, vendidas ou alugadas como amas de leite para as crianças dos senhores das casas, que nasciam sob os cuidados de escravos e cresciam convivendo com eles, sendo tratadas por suas amas e demais criados como “nhô-nhô” e “nhá-nhá”.

Retrato de Luís Pereira de Carvalho, Nhozinho, no colo de sua mucama Catarina. A escrava foi um presente ao menino de sua madrinha d. Maria Isabel de Jesus Vieira, mãe do barão da Aliança. Pintado em Santa Teresa de Valença, região em que a família possuía fazendas de café. Óleo sobre tela. Século XIX. Acervo Museu Imperial.



## PENSE E REFLITA

Em 21 de janeiro de 1837, foi sancionada uma lei que regulamentava os direitos à instrução primária na Corte. O artigo 3º apresentava quem era proibido de frequentar as escolas públicas, como os portadores de moléstias contagiosas e os escravos e pretos africanos, ainda que estes estivessem na condição de livres ou libertos.

Discuta com seus colegas o quanto esta lei promovia a injustiça social e se, nos dias de hoje, há alguma ação relativa a este assunto para promover a igualdade social.





Crianças escravas e do senhor da casa brincam, enquanto escravos adultos trabalham na secagem do café na Fazenda do Quitito, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Fotografia de G. Leuzinger. Acervo Museu Imperial.

Em relação à educação havia planos bem diferentes para o futuro de meninos e meninas, enquanto ambos eram preparados para a vida adulta.

No Brasil, até o início do século XX, a educação doméstica era uma prática comum nas elites. Isso acontecia não só para a formação elementar, ou seja, para o ensino da leitura, escrita e contas, mas também para o ensino dos conhecimentos considerados fundamentais à época e para a continuidade da formação de jovens, principalmente das meninas, que elaboravam ou aprimoravam sua educação em casa.

As meninas eram preparadas para o casamento e não para terem uma profissão, como ocorre nos dias de hoje. O ideal da época era que elas se preparassem para serem boas mães e donas de casa. Seus estudos eram iniciados por volta dos sete anos e, aos treze, quatorze anos, terminavam de estudar porque costumavam se casar com essa idade. Normalmente, as meninas aprendiam Primeiras Letras (ler, escrever, caligrafia); Aritmética e Álgebra; Boas Prendas (bordado, coser, pintar); Civilidade e Religião; Latim, Línguas Francesa e Inglesa; além de tocar cravo e piano.

Os meninos, por sua vez, iniciavam sua educação em casa e, posteriormente, eram encaminhados para um bom colégio, onde concluíam o ensino secundário. Recebiam uma formação que incluía Primeiras Letras (ler, escrever, caligrafia); Aritmética, Álgebra, Geometria; História; Geografia; Filosofia; Civilidade e Religião; Línguas estrangeiras e Música. Depois, podiam cursar uma faculdade, no Brasil ou no exterior, onde conseguiam um diploma de “doutor”, geralmente de advogado.





# PASSATEMPO

Agora que você já conhece a história de vários colégios que funcionaram em Petrópolis na época do Império, procure o nome de alguns deles e complete o jogo de CAÇA-PALAVRAS.

B P R R U A H P A H S O A P M E O O L E G F D S V	PAIXÃO
S A N P O E M A L N C A L Ó G E R A S W U P A F E	CALÓGERAS
O I N S O H A S E G I M E A J M F O P A S N D U D	KOPKE
M X U C P S K O P K E N P O U A F A L E T T I P S	FALETTI
U A M A B R E G W N A S J O M L S E H S O A H E L	SANTA ISABEL
D O M A S A N T A I S A B E L A E M N T E R A S N	PADRE MOREIRA
U A H S O A P M E O A P S P A D R E M O R E I R A	NOTRE DAME DE SION
N O T R E D A M E D E S I O N A T S D R D A M R O	
U A H S O A P M E O A P S M N U A H S O A P I E S	

A diferença entre o ensino destinado a meninos e a meninas também estava presente na educação das princesas imperiais, Isabel, nascida em 1846, e Leopoldina, nascida em 1847. As filhas do imperador tinham um plano de estudos bem rigoroso, diferente dos estudos das crianças e adolescentes daquela época. Afinal, elas poderiam vir a governar o país, como escreveu dona Francisca, em carta de 1863 a seu irmão d. Pedro II, na qual elogiava a educação da princesa Isabel: *“acho que fazes bem em dar uma educação de homem a sua filha mais velha, sobretudo que é provável que venha a governar o país [...]”*.



Carta escrita por dona Francisca a seu irmão d. Pedro II. Claremont, Inglaterra. 07/04/1863. Arquivo Grão Pará.





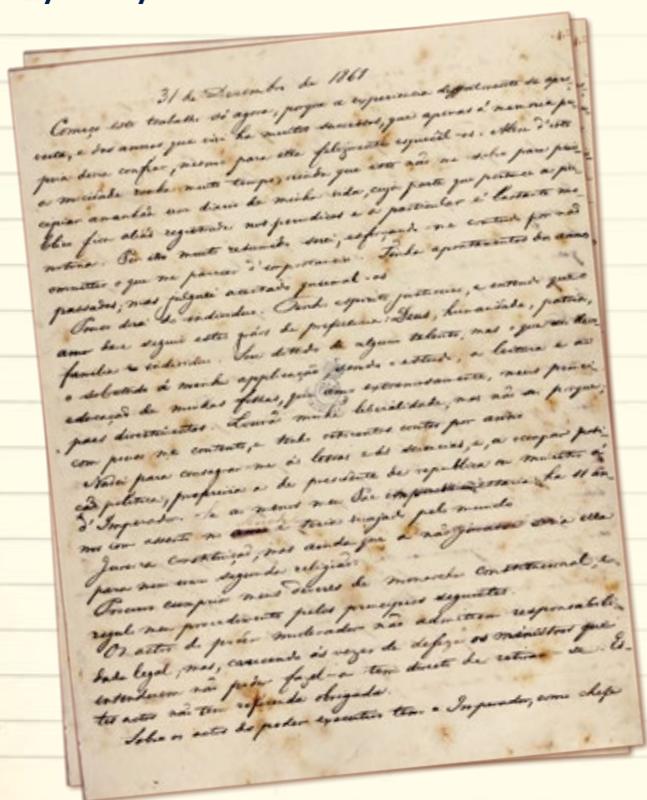
Princesa Leopoldina. Albúmen de Alberto Henschel & Cia. Cerca de 1870. Acervo Museu Imperial.



Princesa Isabel. Albúmen de Alberto Henschel & Cia. Cerca de 1883. Acervo Museu Imperial.

D. Pedro II assumiu a paternidade com um prazer incomum aos homens do século XIX. Dedicava-se intensamente à formação educacional das filhas, não escondendo sua afeição pelo ofício de educador. Em seu diário, revelou:

*“Sou dotado de algum talento; mas o que sei devo-o, sobretudo, à minha aplicação, sendo o estudo, a leitura e a educação de minhas filhas, que amo extremosamente, meus principais divertimentos”.*



Diário de d. Pedro II. Volume 9. Passagem do dia 31 de dezembro de 1861. Acervo Museu Imperial.



D. Pedro II. Litografia de Léon Noel segundo fotografia de Victor Frond. 1860. Acervo Museu Imperial.

Como principal mestre das filhas, o imperador, além de instruí-las pessoalmente e por cartas, orientava os professores das princesas, impondo-lhes o programa educacional por ele estabelecido e fazendo questão de acompanhar de perto se este de fato vinha sendo executado pelos mestres. Ele também procurava se certificar de que as filhas estavam sendo bem sucedidas nos estudos, ou seja, se estavam “dando boas lições”, como se dizia naquela época.



Apenas no ano de 1856, d. Pedro II passou a contar com o auxílio de uma preceptora para cuidar da educação das princesas, a condessa de Barral, mulher muito culta que havia se educado na França e sido aia de d. Francisca na corte francesa. O cargo de preceptora (aia) era de grande importância, pois cabia a ela coordenar todo o trabalho dos demais mestres e zelar pela formação moral das princesas. Assim, a condessa, além de dar aulas, supervisionava todos os detalhes da rotina de cada uma das meninas, dos estudos aos passeios. A preceptora também recebeu uma auxiliar francesa, a srta. Victorine Templier, um ano após a sua chegada.

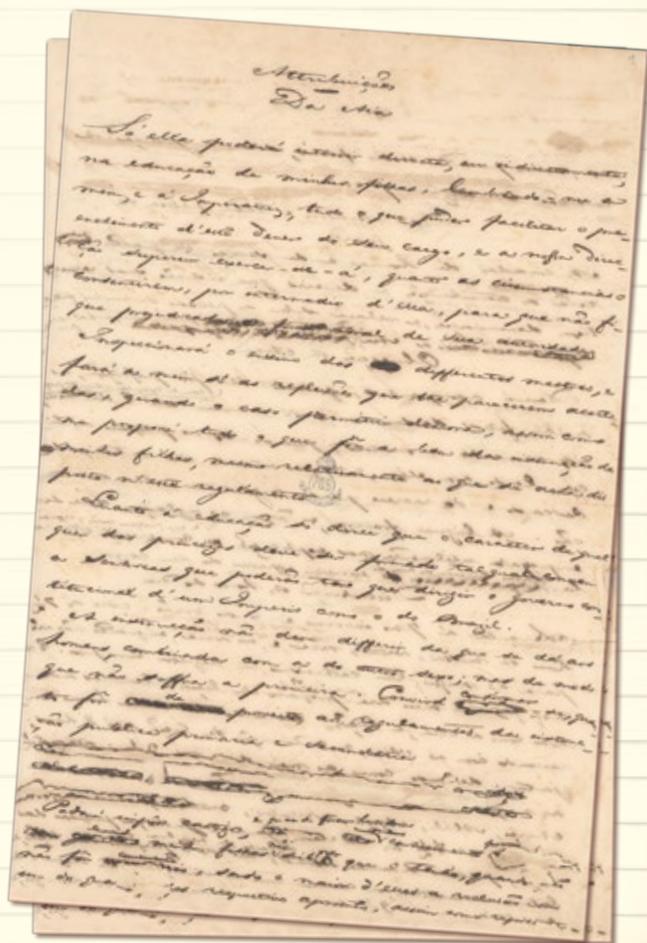
Luísa Margarida Portugal e Borges Barros, condessa de Barral e Pedra Branca, e seu filho Dominique. Fotografia de Pacheco. Acervo Museu Imperial.

Uma anotação de d. Pedro II para a condessa de Barral, com o título “Atribuições da Aia” advertia:

*“O caráter de qualquer das princesas deve ser formado tal qual convém a senhoras que poderão ter que dirigir o governo constitucional de um Império como o do Brasil. A instrução não deve diferir da que se dá aos homens, combinada com a do outro sexo, mas de modo que não sofra a primeira...”*



Atribuições da Aia. [1857].  
Acervo Museu Imperial.





## SAIBA MAIS...

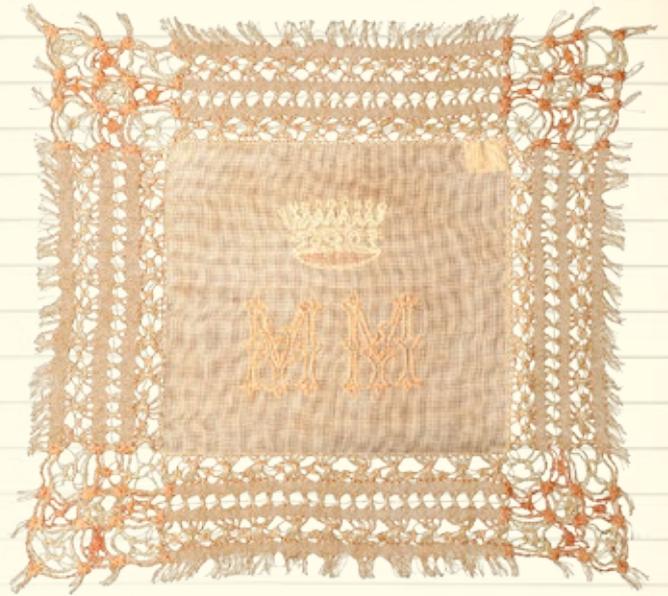
As preceptoras preferidas das famílias mais abastadas eram as estrangeiras, como as inglesas, as alemãs e as francesas. Isto porque elas eram originárias de países considerados, na época, como modelo de civilização, o que inspirava mais confiança. Além disso, essas preceptoras europeias pareciam ser mais bem informadas quanto às novidades e tendências ainda não divulgadas em países como o Brasil.

Os professores davam as aulas na casa das princesas, estivessem elas no Palácio de São Cristóvão (residência oficial da família imperial, no Rio de Janeiro) ou no Palácio Imperial, em Petrópolis. Quando os mestres precisavam se dirigir a Petrópolis para dar aulas, ficavam hospedados no Quartel dos Semanários, juntamente com os médicos, os camaristas e outras pessoas que o imperador precisasse abrigar.

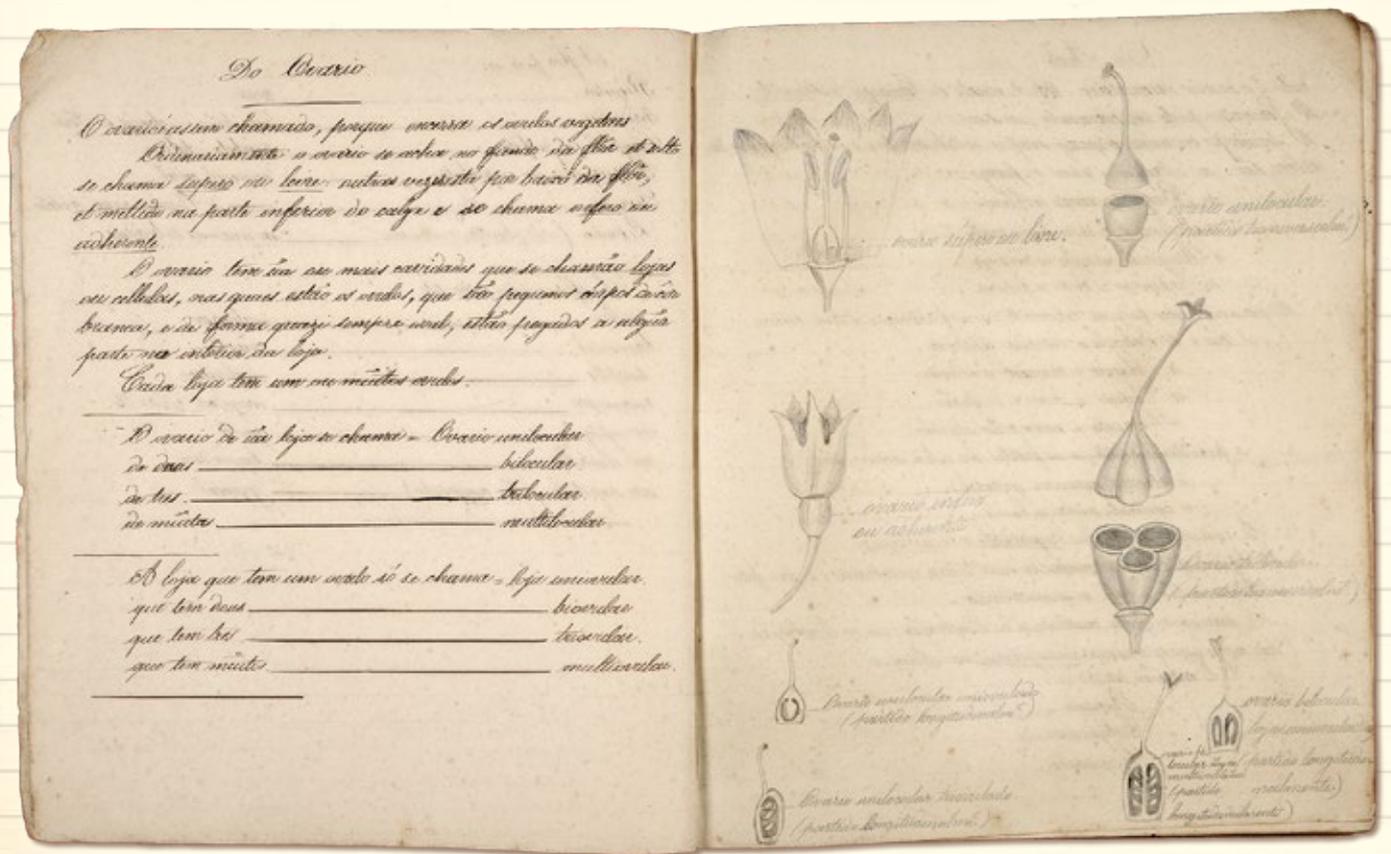
A dura disciplina de estudos das princesas estabelecida por d. Pedro II chegava a cerca de 11 horas por dia, de segunda-feira a sábado. Incluía aulas de Caligrafia/Escreita; Inglês; Francês (ortografia, leitura, poesia, estilo e gramática); Alemão; Grego; Latim; Italiano; Física; Botânica; História do Brasil, de Portugal, da França, da América e da Inglaterra; História da Filosofia; História do Consulado e do Império; História Antiga, Medieval e Moderna; História Sagrada; Evangelho e Catecismo; Mitologia; Geografia; Economia Política; Química; Álgebra e Geometria; Aritmética; Análise Lógica; Mineralogia; Astronomia/Cosmografia; Geologia; Zoologia; Anatomia Humana; Ciências Naturais; Literatura, Ortografia, Gramática, Leitura, Estilo e Poesia Portuguesa; Retórica; Equitação; Teatro; Música; Piano; Dança; Bordado, Pintura e Costura; Desenho e Fotografia.

Assunto	1859				Total	
	1.º Jul	2.º Jul	3.º Jul	17.º Jul	A	B
Matemática	10	10	10	10	40	
Geometria	10	10	10	10	40	
Algebra	10	10	10	10	40	
Calculo	10	10	10	10	40	
Geometria Analitica	10	10	10	10	40	
Geometria Transcendente	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	
Geometria Superior	10	10	10	10	40	
Algebra Superior	10	10	10	10	40	
Calculo Superior	10	10	10	10	40	

Na correspondência da família imperial guardada no Arquivo Histórico do Museu Imperial podemos encontrar várias cartas das princesas trocadas com seus pais. Em várias delas, as meninas contam aos imperadores como iam nos estudos e o que tinham feito durante o dia. As cartas também confirmam o gosto da princesa Isabel por Botânica e pelas prendas domésticas. Em seus trabalhos de costura, a princesa mostrava-se perfeccionista e exigente consigo mesma. As princesas Isabel e Leopoldina também eram dedicadas às aulas de Desenho, produzindo trabalhos interessantes.



Pano com bordado *ajour* feito pela princesa Isabel. O trabalho contém as iniciais M M bordadas sob a coroa e foi oferecido à condessa de Mota Maia pela princesa. Acervo Museu Imperial.



Caderno de Botânica da princesa Isabel. Arquivo Grão Pará.



Desenho de autoria de d. Leopoldina, princesa do Brasil. Coleção de d. Teresa Cristina Maria. 10/04/1864. Acervo Museu Imperial.



Desenho de autoria de d. Isabel, princesa do Brasil. Coleção de d. Teresa Cristina Maria. 14/03/1864. Acervo Museu Imperial.



Com uma carga horária maior que a dos colégios de hoje, mas com menos disciplinas que as aprendidas pelas princesas Isabel e Leopoldina, os colégios de Petrópolis continuaram a desempenhar papel importante na formação educacional de crianças e jovens da cidade e do país, do final do século XIX até meados do século XX.

Entre os colégios particulares, foram criados o São Vicente de Paulo, o Brasileiro-Alemão, o Anglo-Americano, o Ginásio Fluminense, o Colégio Inglês, o Ginásio Petrópolis, o Liceu de Artes e Ofícios (também mantido pelo governo municipal da época), o Instituto Carlos Alberto Werneck, o Ginásio Accioli, o Colégio Americano, o Colégio Lafaiete, o Ginásio Petropolitano, o Colégio Imperial, o Liceu Fluminense, o Colégio Sílvio Leite (posteriormente chamado Plínio Leite), o Ginásio Pinto Ferreira, o Colégio São José (funcionando até hoje), o Externato Modelo, o Colégio Luso-Brasileiro e outros. A maioria deles mantinha o sistema de internato e externato.



Vista lateral do prédio onde funcionou o Colégio Americano e atualmente está instalada uma unidade da Fiocruz (Palácio Itaboraí), no Quarteirão Renânia Inferior (Valparaíso). Acervo Museu Imperial.



Fachada do prédio onde funcionou o Ginásio Petrópolis e, atualmente, funciona a Universidade Católica de Petrópolis. A escadaria da frente do prédio foi posteriormente demolida, dando lugar ao atual relógio de flores. Acervo Museu Imperial.



Grupo de alunos e professores do Colégio Inglês na época em que funcionava na Fazenda Quitandinha. Acervo Museu Imperial.



## VOCÊ SABIA...

Que o internato do Colégio Luso-Brasileiro ocupava o prédio do atual Palácio Grão Pará e todo seu imenso jardim dava frente para a Rua do Imperador, onde hoje está o prédio dos Correios?

Que o externato do Colégio Luso-Brasileiro funcionou em um prédio na Rua do Imperador, ocupado depois pelo Colégio Plínio Leite e posteriormente pelo Colégio Werneck?

Depois este prédio foi demolido e construído no local o Shopping e Edifício Santo Antônio.

Que o Ginásio Pinto Ferreira funcionou em uma linda casa na Praça Visconde do Rio Branco (atual Praça Alcindo Sodré), entre as Ruas do Imperador e Paulo Barbosa, e onde hoje se encontra erguido o Edifício Imperador?

No ano de 1932, o professor Napoleão Esteves comprou o Ginásio Pinto Ferreira e o transferiu para novo prédio alugado,   Avenida Koeler n  260, onde hoje está a sede do governo municipal. Neste prédio também funcionou o Colégio São José, depois transferido para a Rua Montecaseros.

Que a casa da princesa Isabel abrigou estabelecimentos de ensino como o ginásio accioli, o liceu fluminense e o colégio são josé?



Prédio onde funcionou o externato do Colégio Luso-Brasileiro, entre outros estabelecimentos de ensino, e onde hoje está erguido o Edifício e Shopping Santo Ant nio, situado à Rua do Imperador. Acervo Museu Imperial.



Trecho da Avenida XV de Novembro (atual Rua do Imperador) defronte à Rua Paulo Barbosa, vendo-se o prédio do Colégio Pinto Ferreira na Praça Visconde do Rio Branco e as casas comerciais do lado oposto. Acervo Museu Imperial.



Em 1897, os franciscanos fundaram em Petrópolis a Escola Gratuita São José, com 111 alunos. Mais tarde, em 1942, a escola deu origem ao Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis, que ficou conhecido como Canarinhos de Petrópolis. O Instituto criou um excelente coro organizado pelos franciscanos, projeto que encanta todos até os dias de hoje. Em 1998, o Colégio Canarinhos foi incorporado pelo grupo educacional Bom Jesus, também de origem franciscana e atuante em vários estados do Brasil há mais de 100 anos, recebendo o nome de Bom Jesus Canarinhos.

Uma escola a ser citada dentre as que permanecem em atividade até os dias de hoje, é a Escola de Música Santa Cecília, fundada em 1893, por iniciativa do maestro Paulo Carneiro. A escola começou oferecendo aulas de forma gratuita e atualmente continua com sua missão artística em prédio próprio com um teatro que funcionou como cinema por muitos anos.

Fachada lateral do Convento dos Franciscanos e a ponte da Escola Gratuita São José, onde hoje funciona a Editora Vozes. Fotografia de Americano [pseudônimo de Américo Mendonça]. 1934. Acervo Museu Imperial.



Desfile de Sete de Setembro onde se veem alunas do Instituto Carlos A. Werneck na Avenida XV de Novembro, hoje Rua do Imperador. Acervo Museu Imperial.

**PASSATEMPO**

Quais dos detalhes abaixo não correspondem à imagem da fotografia?



Nós já vimos que o Colégio Notre Dame de Sion ocupou o Palácio Imperial de Petrópolis durante 15 anos, não é mesmo? Depois da saída do Sion, em 1907, o que teria acontecido com o prédio do palácio? Em 1909, outro colégio passou a funcionar no Palácio Imperial: o São Vicente de Paulo. Era um colégio que recebia apenas meninos e havia sido inaugurado em 1890 pelos padres lazaristas da Congregação da Missão. O colégio funcionou inicialmente em um prédio na Rua Westfália (atualmente Av. Barão do Rio Branco) e aos poucos passou a receber grande número de estudantes petropolitanos e dos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, começando então a funcionar no regime de internato.

O Colégio São Vicente de Paulo passou a ser gerenciado, em 1909, pelos Cônegos Premonstratenses, que ofereciam uma excelente qualidade de ensino, levando o colégio a educar uma parcela da elite brasileira através dos cursos Preliminar, Ginásial e Científico.

As disciplinas do colégio incluíam Ciências Naturais, Filosofia, História Universal, Português, Desenho, Geografia, Francês, Matemática, Grego, Alemão, Inglês, Latim, Química e Português, além de Música, Canto e Ginástica.

Logo que se instalaram na antiga residência do imperador, os cônegos trataram de construir uma capela, já que seria necessário utilizar todo o espaço do prédio para o funcionamento do colégio. A construção foi iniciada em 1909 e a capela foi projetada para atender aos padres, aos alunos e à população de Petrópolis, tendo sido inaugurada em 1910. Em 1941, pela necessidade de se instalar o Museu Imperial no espaço anteriormente ocupado pelo Colégio São Vicente de Paulo, a capela foi definitivamente fechada e demolida.



Pátio, ainda em terra batida, em frente à fachada do prédio ocupado pelo Colégio São Vicente de Paulo de 1909 a 1939 [antiga residência de verão da família imperial em Petrópolis]. Acervo Museu Imperial.



Capela do Colégio São Vicente de Paulo construída onde hoje se encontra o prédio da Biblioteca do Museu Imperial. Acervo Museu Imperial.

Além de professores com bastante experiência no magistério, o Colégio São Vicente de Paulo possuía uma grande estrutura para seus alunos, montada nas salas do Palácio Imperial. Havia um laboratório de Química, um gabinete de Física, um Museu de História Natural, sala de Geografia, máquina de projeções e todo o material considerado necessário para o ensino. Apesar de funcionar na antiga residência de verão da família imperial, as instalações do colégio foram bem adaptadas e os alunos internos contavam com espaçosos e arejados dormitórios no sobrado e uma grande sala de refeições que ocupava a Sala de Música. No terreno, também havia horta, um parque arborizado, que era aproveitado para aulas de Ciências Naturais, e piscina de natação para os alunos.



Grupo de professores do Colégio São Vicente de Paulo. Acervo Museu Imperial.

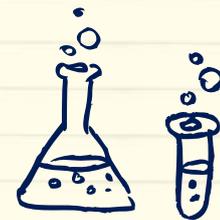


Sala de aula de História e Geografia do Colégio São Vicente de Paulo. Acervo Museu Imperial.





Parte do Museu de História Natural do Colégio São Vicente de Paulo instalado na antiga sala de Jantar do Palácio Imperial. Acervo Museu Imperial.



Laboratório de Química do Colégio São Vicente de Paulo. Acervo Museu Imperial.



Refeitório do Colégio São Vicente de Paulo instalado na antiga Sala de Música do Palácio Imperial. Acervo Museu Imperial.



zzz...

Dormitório do Colégio São Vicente de Paulo localizado no antigo quarto de Suas Majestades e na antiga sala de Estado do Palácio Imperial. Acervo Museu Imperial.



Alunos e professores do Colégio São Vicente de Paulo no parque do antigo Palácio Imperial. Acervo Museu Imperial.



Aula de Ciências Naturais no parque do Colégio São Vicente de Paulo. 1916. Acervo Museu Imperial.



Onde hoje se encontra o Pavilhão das Viaturas do Museu Imperial, foi montado um grande salão de estudos com carteiras individuais, e era ali que acontecia, após a missa dos domingos, a “leitura das notas de aplicação e comportamento”. Era um momento solene e de muita emoção, sendo comum o diretor explicar aos alunos o motivo de determinada nota baixa.

Salão de estudos do Colégio São Vicente de Paulo instalado no espaço onde hoje se encontra o Pavilhão das Viaturas do Museu Imperial. Acervo Museu Imperial.



 **VEJA SÓ!**

O diretor do Colégio São Vicente de Paulo ao fazer a “leitura das notas de aplicação e comportamento” em certo domingo, comentou: “Urbano Muniz da Costa Moura, sabe o Sr. Aluno a razão da nota baixa no comportamento?

**- PORQUE NA SEMANA PASSADA, FOI VISTO NA RUA 15, COM A FARDA DO ESTABELECIMENTO, CONDUZINDO UMA GALINHA”.**



Atualmente, as escolas não apresentam em seus currículos atividades ligadas a práticas militares, mas, no final do século XIX e início do século XX, era muito comum a inclusão de exercícios físico-militares na educação de crianças e jovens. Tais atividades tinham por objetivo preparar os meninos caso precisassem defender a nação em situações de conflito armado. Aos 7 anos, os alunos já faziam movimentos militares diversos, além de marchar, e, aos 13, praticavam com armas de fogo adaptadas.



Alunos no pátio principal do Colégio São Vicente de Paulo recebendo instruções militares, disciplina dada em determinadas escolas e de caráter preparatório na época. 1916. Acervo Museu Imperial.

Além do rigor exigido nos estudos, o colégio se preocupava bastante com a saúde dos seus alunos. Jogos higiênicos (prática de esportes, como o futebol) e exercícios físicos eram incentivados, porém com o cuidado de evitar qualquer excesso.



Alunos do Colégio São Vicente de Paulo jogando uma partida de futebol. Acervo Museu Imperial.



Grupo de alunos do Colégio São Vicente de Paulo durante uma aula de ginástica. Acervo Museu Imperial.



Os alunos do Colégio São Vicente de Paulo podiam iniciar sua vida na literatura muito cedo, através da publicação de uma revista chamada *O Colegial*. Entre as crônicas, as poesias e os textos elaborados pelos próprios estudantes, havia também um quadro de honra para destacar aqueles que tivessem melhor desempenho no mês em que a revista era lançada.

As festas de encerramento do ano letivo aconteciam no Palácio de Cristal ou em um dos teatros da cidade e eram sempre impressionantes. Eram concedidos prêmios e medalhas, o diretor relatava o aproveitamento escolar e um Anuário impresso era distribuído para relembrar o ato.



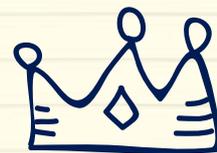
Revista *O Colegial*. 1937. Acervo Museu Imperial.



## CURIOSIDADE

**No ano de 1920, os cônegos do Colégio São Vicente de Paulo, quase todos de origem belga, tiveram a honra de receber a visita do rei Alberto da Bélgica, herói da Primeira Guerra, acompanhado de sua esposa, a rainha Elizabeth.**

Também estavam presentes na comitiva real o presidente da República, Epitácio Pessoa, e o do Estado, Raul Veiga. O casal permaneceu em Petrópolis apenas algumas horas. Como recepção, um banquete foi oferecido no palácio municipal. Na ocasião, os colégios Luso-Brasileiro e São Vicente de Paulo desfilaram em homenagem aos visitantes e a Banda do 2º Batalhão de Caçadores executou os hinos nacional e belga. Após a visita ao colégio e um passeio pelas ruas da cidade, os soberanos retornaram ao Rio de Janeiro.



Homenagem dos alunos do Colégio São Vicente de Paulo ao rei Alberto da Bélgica por ocasião de sua visita ao educandário. 1920.  
Acervo Museu Imperial.

O Colégio São Vicente de Paulo foi um dos educandários de maior prestígio no Brasil, tendo formado pessoas conhecidas no meio político, científico, cultural e militar. Uma dessas pessoas era um apaixonado por História: Alcindo de Azevedo Sodré. Médico, historiador, professor, jornalista, político e advogado, ainda adolescente, como aluno do São Vicente de Paulo, passou a sonhar com o futuro do antigo palácio de verão de d. Pedro II. Cada detalhe daquele palácio o fazia imaginar como seria a vida da família imperial entre aquelas paredes. Era um sonho bonito, que o menino já adulto iria ver realizado.

Até o ano de 1939, o Colégio São Vicente de Paulo permaneceu no Palácio Imperial, quando foi transferido para edifício próprio, na Rua Coronel Veiga. O primeiro prédio do colégio, localizado na Av. Barão do Rio Branco, funcionou durante muito tempo como um seminário. Já o edifício da Rua Coronel Veiga abriga atualmente o Instituto Teológico Franciscano.

Grupo de alunos do 4º ano do Colégio São Vicente de Paulo, vendo-se no canto à esquerda, de pé e com quepe na cabeça, Alcindo de Azevedo Sodré. Acervo Museu Imperial.



### *Você já ouviu falar do Liceu de Artes e Ofícios?*

Trata-se de uma escola que funciona em algumas cidades brasileiras, criada ainda no século XIX. Foi uma das mais importantes instituições de ensino artístico e profissionalizante do Brasil até a primeira metade do século XX e, no Rio de Janeiro, contou com mestres ilustres e alunos que se tornaram pessoas importantes no país. E em Petrópolis não foi diferente! O governo republicano passou a dar importância à educação profissional e, em 1890, por iniciativa do engenheiro Bernardino Lopes Ribeiro, foi criado o Liceu de Artes e Ofícios em nossa cidade.

Sempre criando novos cursos e desenvolvendo várias atividades extraclasse, o Liceu de Artes e Ofícios não só proporcionou à juventude uma qualificação profissional, mas também o aprimoramento de seu nível cultural e social.

Em 1953, depois de passar por problemas financeiros e de ter mudado de endereço algumas vezes, o Liceu de Artes e Ofícios foi transformado em Escola Comercial do Município de Petrópolis, encerrando assim uma excelente iniciativa no setor do ensino profissional em nossa cidade.

Outra instituição que desde 1943 desenvolve um importante trabalho em Petrópolis, oferecendo ensino profissional na área industrial, é o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Em 1948, já funcionando no atual prédio localizado à Rua Bingen, dispunha de oficinas de tornearia, ajustagem, serralheria, marcenaria, fiação, tecelagem e costura. Hoje, o SENAI promove a qualificação dos trabalhadores da indústria através do uso de tecnologias modernas, contribuindo para a formação de profissionais para o mercado de trabalho da área industrial.





## SAIBA MAIS...

No decorrer dos primeiros anos do governo republicano, os críticos do modelo educacional do Império pouco acrescentaram ao modelo anterior. Assim, o currículo do novo governo republicano era praticamente o mesmo de 1854, apenas apresentava um sentido mais “nacional” aos estudos. No 2º grau (Ensino Médio), por exemplo, acrescentaram-se as disciplinas de Direito Pátrio e Economia Política. O ensino de Religião, nos dois graus, foi substituído pelo ensino da Instrução Moral e Cívica. A falta de melhorias no ensino pôde ser confirmada no censo realizado em 1920, que mostrou uma situação nada animadora: das 6.582.017 crianças em idade escolar, somente 1.249 (19%) recebiam algum ensino.

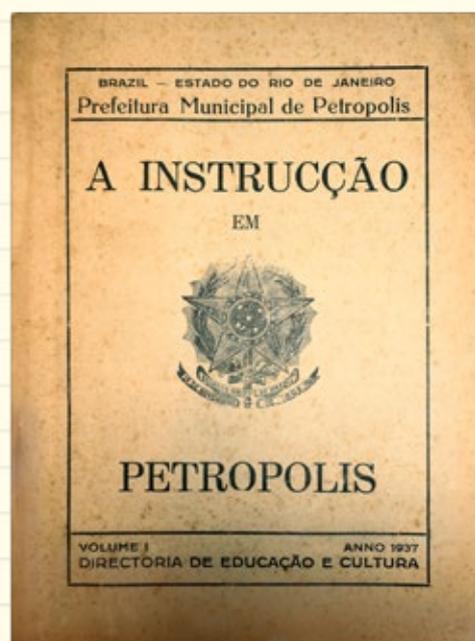
Esta situação só começa a mudar a partir de 1921, quando três fatos importantes ocorreram no país: a Conferência Interestadual do Ensino Primário, que buscou uma solução para os problemas do ensino primário e para o analfabetismo; a fundação da Associação Brasileira de Educação, em 1924, que ampliou a discussão dos problemas da escolaridade no país; o movimento dos “Pioneiros da Educação Nova” que, considerando a educação como o maior problema nacional, lutou pela renovação do ensino no país.

Com relação a Petrópolis, de 1889 a 1927, o ensino público municipal organizado ainda não existia em nossa cidade. A contribuição do governo municipal à instrução consistia em subvencionar algumas escolas, ou seja, em ajudá-las financeiramente. A partir de 1927, a situação do ensino começa a se modificar quando o então prefeito, Antonio Joaquim de Paula Buarque, impressionado com o grande número de crianças sem escolas, impulsionou fortemente o ensino, criando vinte escolas e subvencionando mais dez.

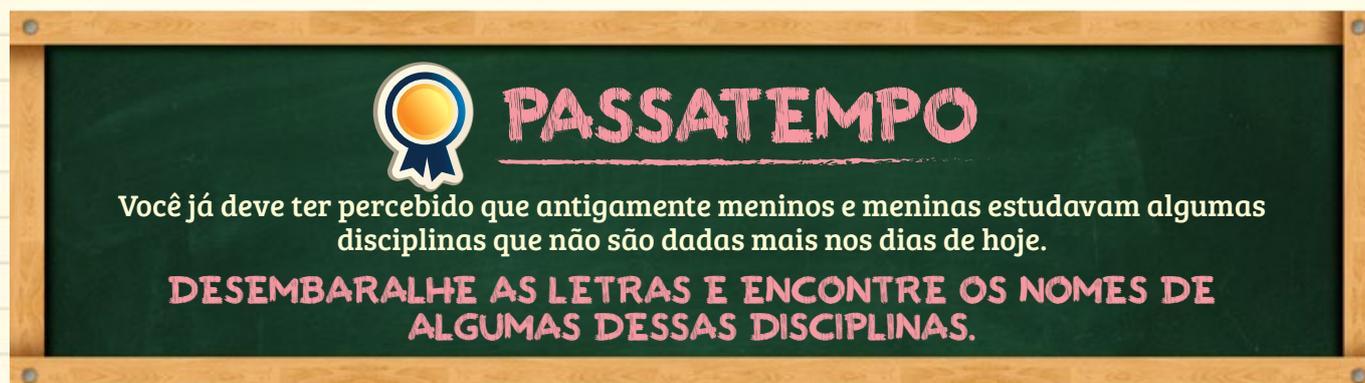
Em 1937, a Prefeitura Municipal de Petrópolis estabeleceu, no Programa de Ensino para a Instrução Municipal, as diretrizes para a instrução pública. Neste programa estavam previstos os conteúdos das disciplinas por série, os horários de funcionamento das escolas, os critérios de avaliação, as regras para os cursos noturnos, os procedimentos para a utilização da Caixa Escolar, dentre outros assuntos.

De acordo com este Programa, naquele ano havia 1.597 alunos matriculados nas escolas municipais, 343 em escolas subvencionadas, 2.735 em escolas estaduais, 980 em grupos escolares estaduais, 2.396 em escolas particulares, 1.015 em colégios secundários (cursos Secundário, Normal e Comercial), 1.019 em colégios secundários (curso Primário), 274 em jardins de infância, 161 em escolas de música, 260 no Liceu de Artes e Ofícios e 49 em seminário católico.

A Instrução em Petrópolis. 1937.  
Acervo Museu Imperial.



Ainda segundo o Programa de Ensino, as classes e as disciplinas eram assim distribuídas: 1ª série A - Alfabetização; 1ª série B - Português, Aritmética, Geografia e História do Brasil; 2ª série - Português, Aritmética, Geografia e História do Brasil; 3ª série - Português, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Morfologia Geométrica e Ciências Físicas e Naturais; 4ª série - Português, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Morfologia Geométrica e História Universal. Ainda era dada a disciplina de Instrução Moral e Cívica, lecionada gradativamente nas quatro séries do curso primário, e Noções de Higiene e de Urbanidade.



**PASSATEMPO**

Você já deve ter percebido que antigamente meninos e meninas estudavam algumas disciplinas que não são dadas mais nos dias de hoje.

**DESEMBARALHE AS LETRAS E ENCONTRE OS NOMES DE ALGUMAS DESSAS DISCIPLINAS.**

MAILT

GOGRE

VILCIEDA

ANREIMGLIOA

SERPND O D ARL

Entre os colégios particulares que não eram mantidos por congregações religiosas (leigos), destacava-se em Petrópolis o Liceu Fluminense, que atendia meninos e meninas no sistema de internato, semi-internato e externato. Chegou a funcionar na Casa da Princesa Isabel e, posteriormente, foi vendido e anexado ao Colégio São José.

Um colégio misto muito conceituado na primeira metade do século XX foi o Colégio Plínio Leite. Fundado em 1929, oferecia aos alunos do sexo masculino e feminino os cursos Secundário (atuais Fundamental II e Ensino Médio), Comercial, Normal e Tiro de Guerra. As aulas em regime de internato eram dadas em prédios separados. Em 1945, o colégio foi vendido ao professor Carlos Alberto Werneck, que já havia iniciado a fundação do Instituto Carlos Alberto Werneck, oferecendo pequenos cursos preparatórios para concursos e de datilografia.

Liceu Fluminense, em funcionamento na antiga residência da princesa Isabel, à Av. Koeler. Acervo Museu Imperial.



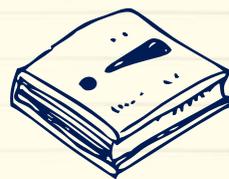
Outras quatro instituições de ensino particulares criadas em meados do século XX e que ainda funcionam em Petrópolis são o Colégio São José, o Instituto Social São José (atual Bom Jesus São José), a Escola Ipiranga (atual Colégio Ipiranga) e o Instituto Nossa Senhora de Lourdes.

Já as escolas municipais e estaduais foram sendo criadas acompanhando as reformas de ensino elaboradas pelos governos e distribuídas pelos bairros e distritos de Petrópolis. Entre elas, estão o Grupo Escolar D. Pedro II, o Liceu Municipal Cordolino Ambrósio e a Escola Estadual Ruy Barbosa.

O Grupo Escolar D. Pedro II foi fundado no ano de 1911, funcionando inicialmente em instalações bastante precárias em uma casa localizada na Rua 14 de Julho (hoje Washington Luís), no Quarteirão Renânia. Este fato levou sua primeira diretora, a professora Angélica Lopes de Castro, a reivindicar uma nova sede para o grupo, por ocasião da visita do governador do estado a Petrópolis. Este escreveu uma carta à princesa Isabel, solicitando a doação de um terreno na Rua do Imperador com a finalidade de ali construir um prédio para o grupo escolar.



Alunos da 1ª série e a professora Marly Xavier da Escola Ipiranga, atual Colégio Ipiranga. 1967. Acervo Colégio Ipiranga.



Em 1920, a Fazenda Imperial, denominação da administradora dos bens da família imperial em Petrópolis, resolveu lotear toda uma extensa área pertencente ao Palácio Imperial e abrir a Rua D. Pedro I. A princesa Isabel, ao fazer a referida doação, exigiu, porém, que o nome do imperador d. Pedro II fosse dado para sempre ao estabelecimento de ensino que ali fosse edificado. Assim, a sete de setembro de 1920, foi lançada a pedra fundamental do novo edifício do Grupo Escolar D. Pedro II, inaugurado a 26 de novembro de 1922.

O Grupo Escolar D. Pedro II era uma escola modelo no estado do Rio de Janeiro para o Ensino Primário (Fundamental I de hoje), sendo que, nos anos de 1950, passou a oferecer turmas de jardim de infância (atual Educação Infantil).

Havia ainda o Colégio Estadual Washington Luís, que oferecia o ensino Secundário (Fundamental II e Ensino Médio) e o Instituto de Educação Presidente Kennedy, que tinha turmas do curso Normal (Ensino Médio), no qual os professores se formavam. Na época, o Grupo Escolar dividia o seu prédio com o Colégio Estadual Washington Luís até que, mais tarde, foi construído um novo prédio nos fundos deste primeiro, para onde foi transferido o Instituto de Educação Presidente Kennedy. Mais tarde, houve a fusão destes três colégios, originando o tão conhecido CENIP (Centro de Ensino Integrado de Petrópolis). No final da década de 1970, o colégio voltou a ter o nome do imperador d. Pedro II em respeito ao desejo da princesa Isabel, passando, desta forma, a se chamar Colégio Estadual D. Pedro II.



Vista do Grupo Escolar Dom Pedro II, na Avenida XV de Novembro, atual Rua do Imperador. Fotografia de Jorge H. Papf. Cartão postal. Acervo Museu Imperial.

Já o Liceu Municipal Prefeito Cordolino Ambrósio, inaugurado em sete de novembro de 1953, e a Escola Estadual Ruy Barbosa, inaugurada em 26 de setembro de 1950, logo se tornaram educandários de fama reconhecida, funcionando de acordo com as ideias da moderna pedagogia da época. Os professores que lá trabalhavam eram bastante conceituados, tornando estas escolas muito procuradas pelas famílias da cidade, assim como o CENIP.



## COMPARE E REFLITA...

Dados do Censo Escolar 2010 mostram que em alguns estados brasileiros um número considerável de escolas apresenta condições de infraestrutura muito ruins. A inexistência de energia elétrica, rede de esgoto, abastecimento de água, material e mobiliário escolar são situações quase comuns em escolas localizadas em zonas rurais, além da falta de professores qualificados. Em áreas urbanas, também verificam-se muitas escolas sem biblioteca, internet, aulas de reforço e professores para todas as disciplinas. Respostas dos professores das turmas avaliadas na Prova Brasil apontam problemas de depredação e de más condições nas salas de aula. Cerca de um quarto dos professores do Amapá que responderam ao questionário, por exemplo, afirmaram que as condições das salas de aula são ruins.

A partir dessas informações, procure pesquisar e comparar a situação da sua escola com a de outras em diferentes regiões do país, sem deixar de considerar o contexto social e econômico do lugar pesquisado e os tipos de escolas, se são públicas ou privadas.

**PROCURE PENSAR: O QUE FALTA EM SUA ESCOLA? QUAIS MELHORIAS VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSEM FEITAS NELA?**



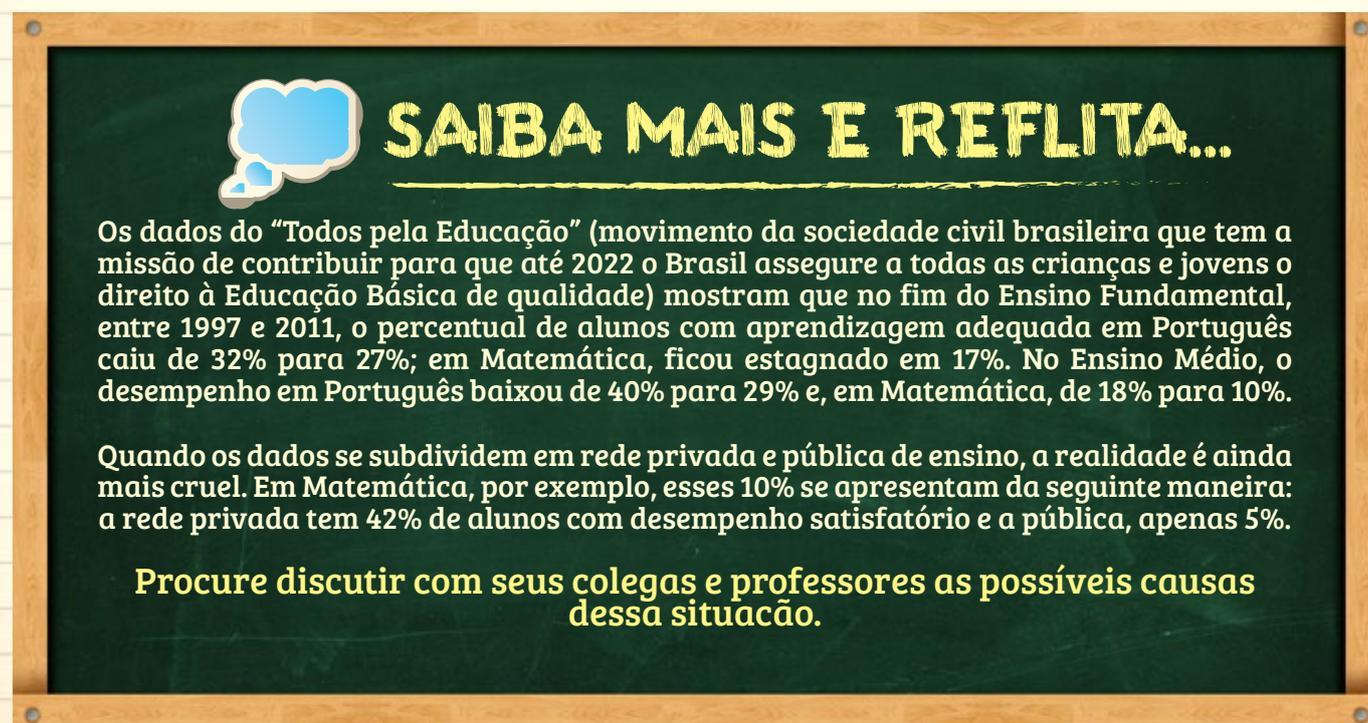
Além de escolas particulares e públicas de vários níveis, em 1953, Petrópolis começou a oferecer ao público da cidade o ensino superior.

Fundada em maio de 1953, a Universidade Católica de Petrópolis foi a primeira instituição de ensino superior instalada na cidade. Começou com a criação da sociedade civil Faculdades Católicas Petropolitanas, por iniciativa do então bispo diocesano dom Manoel Pedro da Cunha Cintra. O primeiro curso oferecido pela instituição foi o de Direito, instalado em 1954 em um imóvel no bairro Retiro. Em 1956, com a aquisição do prédio onde funcionou durante muito tempo o Hotel Orleans, na Rua Barão do Amazonas, foram criadas também as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e, mais tarde, de Engenharia Industrial.

Em 1961, a fusão das três faculdades deu origem à Universidade Católica de Petrópolis, que seria instalada em 11 de março do ano seguinte. Em seguida, a universidade foi se expandindo com a criação de novos cursos.

No final da década de 60, a universidade adquiriu as instalações do Colégio Notre Dame de Sion, na Rua Benjamin Constant, e levou para o espaço toda a sua administração. No novo campus, fundou o Colégio de Aplicação em fevereiro de 1969, que tinha como finalidade oferecer campo de estágio e pesquisa aos alunos da Faculdade de Educação.

Em 1967, tem início na cidade o funcionamento da Faculdade de Medicina de Petrópolis, que vem formando, até os dias de hoje, estudantes vindos de várias partes do país.



**SAIBA MAIS E REFLITA...**

Os dados do “Todos pela Educação” (movimento da sociedade civil brasileira que tem a missão de contribuir para que até 2022 o Brasil assegure a todas as crianças e jovens o direito à Educação Básica de qualidade) mostram que no fim do Ensino Fundamental, entre 1997 e 2011, o percentual de alunos com aprendizagem adequada em Português caiu de 32% para 27%; em Matemática, ficou estagnado em 17%. No Ensino Médio, o desempenho em Português baixou de 40% para 29% e, em Matemática, de 18% para 10%.

Quando os dados se subdividem em rede privada e pública de ensino, a realidade é ainda mais cruel. Em Matemática, por exemplo, esses 10% se apresentam da seguinte maneira: a rede privada tem 42% de alunos com desempenho satisfatório e a pública, apenas 5%.

**Procure discutir com seus colegas e professores as possíveis causas dessa situação.**

E, assim, com o passar dos anos, muitas outras instituições de ensino foram surgindo em nossa cidade. Escolas e colégios de Educação Infantil, de Ensino Fundamental e Médio, universidades, cursos de línguas... Professores que, com dedicação e competência, contribuíram para a formação de inúmeros petropolitanos e brasileiros de várias regiões. Todos construindo as memórias da educação em Petrópolis.



Em um dos dormitórios do Colégio São Vicente de Paulo, instalado na atual Sala de Estado do Museu Imperial, junto à porta de acesso ao corredor, ficava a cama de um desses brasileiros: o jovem Alcindo Sodré. À noite, costumava olhar curioso e interessado para os ornamentos do teto – com suas coroas, as siglas PII, os dragões – e sonhar:

*“Se pudesse ser esta casa reconstruída como no tempo do imperador...”*

O ex-aluno não poderia imaginar que lhe caberia a satisfação de pôr em prática, anos mais tarde, esse seu sonho infantil.



Corredor no segundo pavimento do antigo Palácio Imperial com vista para o dormitório do Colégio São Vicente de Paulo. Acervo Museu Imperial.

Em uma visita ao pequeno Museu Histórico de Petrópolis, que funcionava no Palácio de Cristal, o presidente do Brasil à época, Getúlio Vargas, ouviu de seu diretor, Alcindo Sodré, a ideia de transformar o antigo Palácio Imperial em um grande museu do Império. A ideia foi muito bem recebida e o presidente tratou de concretizá-la.

O governo brasileiro comprou a propriedade e, em 29 de março de 1940, foi criado o Museu Imperial. Em seguida, uma equipe técnica liderada pelo próprio Sodré, que se tornaria o primeiro diretor do Museu, buscou estudar a história da edificação e localizar peças pertencentes à família imperial em diferentes palácios, para apresentar ao futuro público do Museu o século XIX e o dia a dia de membros da família imperial. Importantes colecionadores nacionais juntaram-se ao projeto, doando objetos de interesse histórico e artístico.

Também foram feitas reformas no prédio do palácio, nos jardins e nas suas dependências externas e, como resultado, o Museu Imperial foi inaugurado em 16 de março de 1943, com um valioso acervo de peças relativas ao período imperial brasileiro.

Desta forma, o Palácio Imperial de Petrópolis teve seu uso definitivamente modificado ao transformar-se no Museu Imperial e Alcindo Sodré pôde sentir a felicidade de ver seu sonho realizado.



Museu Imperial. Fotografia de George Milek. 2011. Acervo Museu Imperial.



## *Algumas datas significativas*

### *Janeiro*

7 – Foi inaugurada pelos franciscanos, em 1897, a Escola Gratuita São José, que daria origem ao atual Colégio Bom Jesus Canarinhos.

15 – O Colégio Notre Dame de Sion foi transferido para a Rua dos Mineiros (atual Silva Jardim) em 1890, passando a ocupar a chácara do Barão de Ubá.

22 – A Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, primeiro Asilo-Escola do país, foi fundada pelo padre João Francisco de Siqueira Andrade, em 1871.



Prédio da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo e demais prédios da Rua 1º de Março, atual Rua Roberto Silveira. Acervo Museu Imperial.

### *Fevereiro*

1º – Em 1909, foi assinado o contrato de locação do Palácio Imperial entre a Superintendência da Fazenda Imperial e os Cônegos Premonstratenses para a instalação do Colégio São Vicente de Paulo.

16 – Foi fundada, em 1893, por Paulo Carneiro, a Escola de Música Santa Cecília, que teve seu nome escolhido em homenagem à padroeira da música, Santa Cecília.

27 – Nesta data, em 1969, foram iniciadas as atividades do Colégio de Aplicação da Universidade Católica de Petrópolis.



Antiga sede da Escola de Música Santa Cecília, na esquina das ruas Marechal Deodoro e General Osório, em frente à Praça Paulo Carneiro. Acervo Museu Imperial.

### *Março*

1º – Em 1909, iniciou-se a nova fase do Colégio São Vicente de Paulo, já na antiga residência de verão da família imperial, sob a direção do cônego Godofredo Evers.

11 – Em 1962, foi realizada a instalação oficial e solene da Universidade Católica de Petrópolis.

17 – O imperador d. Pedro II visitou o Colégio Paixão em 1881, ficando lá por duas horas e assistindo aulas de Geografia, Latim e Álgebra.



Fundos do prédio do Palácio Imperial, ocupado pelo Colégio São Vicente de Paulo. Acervo Museu Imperial.

## *Abril*

1º – O Colégio São Vicente de Paulo inaugurou, em 1941, sua nova sede na Rua Coronel Veiga (prédio que atualmente abriga o Instituto Teológico Franciscano).

23 – Nasceu em 1912, no Rio de Janeiro, Carlos Alberto Werneck, fundador do Instituto Carlos Alberto Werneck, um dos grandes colégios de Petrópolis.

28 – D. Pedro II visitou o Colégio Calógeras em 1858, ocasião em que mencionou sua vocação para mestre-escola.



Vista do Palatinato, Vila Teresa e do prédio onde funcionaram os colégios Calógeras, Faletti e Paixão. Fotografia de G. Leuzinger. 1867. Acervo Museu Imperial.

## *Mai*

14 – Em 1950, foi comemorado o Jubileu de Diamante pelos 60 anos de funcionamento do Colégio São Vicente de Paulo.

25 – Em visita ao Colégio Kopke, no ano de 1875, o imperador assistiu a várias aulas, manifestando satisfação com as provas realizadas pelos alunos.

27 – Em 1970, foi realizada uma homenagem ao professor Henrique Pinto Ferreira, um dos maiores educadores de Petrópolis de todos os tempos, através da Deliberação nº 2871 que deu seu nome a uma das ruas do centro histórico da cidade.



Busto em bronze do professor Henrique Pinto Ferreira erguido na calçada em frente ao Colégio Estadual D. Pedro II, na Rua do Imperador. Autoria do escultor Antonio Geraldês. Acervo Museu Imperial.

## *Junho*

03 – No ano de 1962, a professora Angélica M. Lopes de Castro faleceu em Petrópolis. Angélica iniciou sua carreira no magistério em 1886. De 1888 a 1911 dirigiu diversas escolas, inclusive a Escola Mista da Renânia, quando esta se tornou Grupo Escolar D. Pedro II. Permaneceu à frente do Grupo de 1911 a 1930, quando se aposentou.

14 – Foi realizada, em 1938, a 2ª sessão ordinária do Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, durante a qual os membros decidiram, unanimemente, pelo tombamento do edifício do antigo Palácio Imperial de Petrópolis.

18 – Em 1932, foi assinado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. O documento, redigido por Fernando Azevedo, obteve a assinatura de diversos intelectuais, entre eles, Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Antônio F. Almeida Junior, Roquette Pinto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima e Cecília Meireles.



Angélica M. Lopes de Castro. Foi diretora do Grupo Escolar D. Pedro II, entre outras escolas. Acervo Museu Imperial.

## Julho

14 – No ano de 1840, o então visconde de Baependi criou a primeira escola em terras petropolitanas. A Escola do Itamarati, de primeiras letras, funcionou apenas até 1842, pois a colônia onde estava localizada contava pouco mais de três famílias nessa época.

16 – Foi publicada, em 1930, uma deliberação determinando que o ensino municipal de Petrópolis obedecesse ao padrão oficial do Ensino Primário do estado do Rio de Janeiro.

22 – Em 1952, o então prefeito municipal Cordolino José Ambrósio, preocupado com os assuntos relacionados à educação e à cultura, enviou à Câmara Municipal uma proposta de criação da Escola Comercial de Petrópolis e do Ginásio Municipal.



Manuel Jacinto Nogueira da Gama, visconde e, posteriormente, marquês de Baependi. Reprodução de uma litografia de Sebastião Augusto Sisson. Acervo Museu Imperial.

## Agosto

12 – Foi publicado, em 1840, o decreto que nomeou o professor Conrad Leonard Bittermann para dar aulas aos filhos dos colonos na Escola do Itamarati.

12 – Em 1834, um Ato Adicional (modificações à lei constitucional) deu às províncias o direito de legislar sobre a instrução pública, excluindo as faculdades de Medicina, existentes desde 1832, os cursos de Direito, desde 1827, e a província do Rio de Janeiro.

27 – Faleceu em Petrópolis, no ano de 1975, Carlos Alberto Werneck.



Cerimônia realizada no Museu Imperial com alunos do Instituto Carlos A. Werneck por ocasião do Dia da Árvore. Em primeiro plano, o diretor do colégio, Carlos A. Werneck, segurando a pá e o diretor do Museu Imperial à época, Francisco Marques dos Santos. Acervo Museu Imperial.

## Setembro

25 – Em 1950, foi criada pelo Decreto nº 03776, a Escola Estadual Ruy Barbosa, no bairro do Alto da Serra, uma realização da administração do governador Edmundo Macedo Soares e Silva.

26 – Em 1955, o Teatro Santa Cecília foi inaugurado com uma festa que lotou as dependências do novo e magnífico prédio e que teve a apresentação de números executados pelos alunos, professores e convidados da Escola de Música Santa Cecília.

30 – O Colégio Notre Dame de Sion foi transferido, em 1892, para a antiga residência de verão do imperador d. Pedro II.



Prédio do Teatro Santa Cecília, localizado ao lado da Escola de Música Santa Cecília, à Rua Marechal Deodoro, esquina da Rua General Osório. 1970. Acervo Museu Imperial.

## Outubro

12 – Em 1921, ocorreu a sessão solene de abertura da Conferência Interestadual de Ensino Primário.

15 – No dia do professor, em 1966, foi inaugurada a Escola Ipiranga, que funciona até os dias atuais como Colégio Ipiranga.

15 – Foi fundada, em 1924, a Associação Brasileira de Educação. Sua origem se deu a partir de um numeroso grupo de intelectuais e profissionais do ensino, que se reuniram em torno do professor Heitor Lyra da Silva com o objetivo de ampliar a discussão dos problemas da escolaridade no país.



Inauguração da Escola Ipiranga (atual Colégio Ipiranga), que funcionava na Av. Ipiranga, nº 868. 15/10/1966. Acervo Colégio Ipiranga.

## Novembro

7 – Em 1953, foi inaugurado o Liceu Municipal Prefeito Cordolino Ambrósio.

15 – Foi criado em Petrópolis, no ano de 1890, por iniciativa do engenheiro Bernardino Lopes Ribeiro, o Liceu de Artes e Ofícios.

26 – Foi inaugurado, em 1911, o Grupo Escolar D. Pedro II, que viria a se transformar no atual Colégio Estadual D. Pedro II.

27 – Em 1852, nasceu João Kopke, filho do fundador do Colégio Petrópolis, Henrique Kopke. João estudou Direito e serviu como promotor. Foi ainda um grande educador petropolitano.



Fachada do Liceu de Artes e Ofícios de Petrópolis, quando funcionava à Rua João Pessoa (atual Dr. Nelson de Sá Earp). Em frente ao prédio estão componentes da banda do Liceu e populares. Acervo Museu Imperial.

## Dezembro

2 – O prefeito Antonio Joaquim de Paula Buarque criou, em 1927, a Inspetoria de Ensino e regulamentou a Biblioteca Municipal e o Arquivo Municipal através da Deliberação nº 180.

20 – Foi fundada, em 1936, pelo professor Carlos Alberto Werneck, a instituição educacional que levou o seu nome – Instituto Carlos Alberto Werneck.

20 – Em 1961, foi publicado o Decreto nº 383 que reconheceu a Universidade Católica de Petrópolis, resultado da união das Faculdades Católicas Petropolitanas, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e da Faculdade de Engenharia Industrial.



Antonio Joaquim de Paula Buarque, prefeito de Petrópolis de 1927 a 1929. Fotografia de Guimarães & Cia. Acervo Museu Imperial.

## Referências

ABAD, Vera. **Petrópolis cidade imperial: nossas montanhas, nossa gente, nossa herança.** Petrópolis: Prazerdeler, 2009.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. **Mulheres educadas para governar: o cotidiano das “lições” nas cartas das princesas Isabel e Leopoldina.** 2012. 285 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2012.

ALAMINO, Márcia de Carvalho Jimenez. **Na casa de Marta e Maria: um estudo sobre o Colégio Notre Dame de Sion em Petrópolis.** 2008. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2008.

ALMEIDA, José Nicolau Tinoco de. **Asilo de Santa Isabel e Asilo do Padre Siqueira ou Escola Doméstica de N. Senhora do Amparo.** Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jnta19990528.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jnta19990528.htm)>. Acesso em: 04 out. 2013.

ANUÁRIO do Museu Imperial. Petrópolis: Museu Imperial, 1995. Edição comemorativa aos 50 anos do Museu Imperial e 150 anos da fundação de Petrópolis.

ARAGÃO, Milena. **Castigos escolares oitocentistas: alinhavando discursos, legislações e práticas.** Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07- HISTORIA DAS INSTITUICOES E PRATICAS EDUCATIVAS/CASTIGOS ESCOLARES OITOCENTISTAS ALINHAVANDO DISCURSOS.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.

ARRIADA, Eduardo; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; VAHL, Mônica Maciel. A sala de aula no século XIX: disciplina, controle, organização. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 17, n. 2, p. 37-54, maio/ago. 2012.

AZEREDO, Carlos Magalhães de. **Dom Pedro II: traços de sua physionomia moral.** Rio de Janeiro: Álvaro Pinto, 1923.

COLÉGIO São Vicente de Paulo: Petrópolis, 1908-1933. Petrópolis: Vozes, [1933?].

O COLÉGIO de São Vicente de Paulo. **Jornal de Petrópolis**, Petrópolis, 29 jun. 1978.

\_\_\_\_\_. In: PETRÓPOLIS: cem anos de cidade: 1857-1957. Rio de Janeiro: Linotipo, 1958. p. 66.

COLOMBO, Maria Alzira da Cruz. **Sion: da Belle Époque aos nossos dias.** São Paulo: Colégio Nossa Senhora de Sion, 2013.

CUSATIS, José Leonisse Peçanha de. O centenário e o fim de um colégio: (ensaio histórico). **Tribuna de Petrópolis**, Petrópolis, 5 ago. 1993.

DUAS ordens e um século de muitas histórias. **Folha de Petrópolis**, Petrópolis, p. 10, 13 mai. 1994.

DUNLOP, Charles J. **Petrópolis antigamente.** Rio de Janeiro: Erca, 1985.

EARP, Arthur Leonardo de Sá. **Os quarteirões.** Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/alse19941025.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/alse19941025.htm)>. Acesso em: 4 out. 2013.



EDUCAÇÃO e cultura em Petrópolis. **A Noite Ilustrada**, Rio de Janeiro, p. 22-23, 4 maio 1943.

FARIA, Ernesto Martins. **Infraestrutura**: a situação das escolas brasileiras. Disponível em: <<http://gestaoescolar.abril.com.br/espaco/infraestrutura-situacao-escolas-brasileiras-681883.shtml>>. Acesso em: 2 out. 2013.

FECHADA definitivamente a capela do Colégio São Vicente de Paulo. **Diário da Manhã**, Niterói, 12 nov. 1941.

FRÓES, Gabriel Kopke. Igrejas de Petrópolis. **Tribuna de Petrópolis**, Petrópolis, p. 5-11, abr./jun. 1950. Caderno Arte e Literatura.

IMPÉRIO em debate: imprensa e educação no Brasil oitocentista. Organização de Celina Midori Murasse Mizuta, Luciano Mendes de Faria Filho e Marcília Rosa Periotto. Maringá: Eduem, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Rio de Janeiro » Petrópolis**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=330390&search=rio-de-janeiro|petropolis>>. Acesso em: 4 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Rio de Janeiro » Petrópolis » Infográficos**: escolas, docentes e matrículas por nível. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/educacao.php?lang=&codmun=330390&search=rio-de-janeiro|petropolis|infograficos:-escolas-docentes-e-matriculas-por-nivel>>. Acesso em: 4 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Rio de Janeiro » Petrópolis » Infográficos**: evolução populacional e pirâmide etária. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=330390&search=rio-de-janeiro|petropolis|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>>. Acesso em: 4 out. 2013.

LACOMBE, Lourenço Luiz. **[Artigos que publiquei na Imprensa]**. Petrópolis: [19--]. Coletânea de artigos de Lourenço Luiz Lacombe publicados em periódicos entre os anos de 1948 a 1994.

\_\_\_\_\_. **Biografia de um palácio**. Petrópolis: Museu Imperial, 2007.

\_\_\_\_\_. Cem anos de ensino particular: velhos colégios de Petrópolis. In: \_\_\_\_\_. Colaboração na Tribuna de Petrópolis. Petrópolis: [1949?]. p. 115-124. Artigos publicados pelo autor na Tribuna de Petrópolis entre 1947 e 1949.

\_\_\_\_\_. O ensino supletivo e as escolas de primeiras letras. In: \_\_\_\_\_. **Colaboração na Tribuna de Petrópolis**. Petrópolis: [1949?]. p. 5. Artigos publicados pelo autor na Tribuna de Petrópolis entre 1947 e 1949.

\_\_\_\_\_. **Isabel**: a princesa redentora: biografia baseada em documentação inédita. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1989.

\_\_\_\_\_. Sion: uma história de charme que o tempo não consegue apagar. In: \_\_\_\_\_. **[Artigos que publiquei na Imprensa]**. Petrópolis: [19--]. p. 51-52. Coletânea de artigos de Lourenço Luiz Lacombe publicados em periódicos entre os anos de 1948 a 1994.

\_\_\_\_\_. **Sion-Petrópolis**: 1888-1968. [S.l.: s.n.], [1968].



LEMOS, Daniel Cavalcanti de Albuquerque. Os cinco olhos do diabo: os castigos corporais nas escolas do século XIX. **Educação Real**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 627-646, maio/ago. 2012.

\_\_\_\_\_. **A bem da moralidade e da ordem**. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0353.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.

MONDÉSERT, Claude. **As religiosas de Nossa Senhora de Sion**. Lyon: M. Lescurger et Fils, 1956.

MUSEU Imperial abrigou dois colégios religiosos. **Jornal de Petrópolis**, Petrópolis, n. 447, p. 3, 13-19 ago. 2005.

NÃO editorial: [escolas públicas e particulares em Petrópolis no período imperial]. **Mercantil**, Petrópolis, n. 9, p. 2, 29 jan. 1879.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Guerreiros mirins**. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/guerreiros-mirins>>. Acesso em: 2 out. 2013.

NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. **Algumas considerações sobre o ensino municipal em Petrópolis**. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jfan20051108.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jfan20051108.htm)>. Acesso em: 2 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **O Colégio de Aplicação da Universidade Católica de Petrópolis**. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jfan20040218.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jfan20040218.htm)>. Acesso em: 3 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **O Colégio Estadual Ruy Barbosa**. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jfan20021008.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jfan20021008.htm)>. Acesso em: 2 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Curso de História de Petrópolis**. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jfan20060423b.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jfan20060423b.htm)>. Acesso em: 2 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Jubileu de Ouro do Liceu Municipal Prefeito Cordolino Ambrósio**. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jfan20031123.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jfan20031123.htm)>. Acesso em: 3 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **O Liceu de Artes e Ofícios de Petrópolis**. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jfan20051011.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jfan20051011.htm)>. Acesso em: 4 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Oitenta anos da inauguração do Grupo Escolar D. Pedro II**. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jfan20021003.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jfan20021003.htm)>. Acesso em: 4 out. 2013.

NICOLIELO, Bruna. **Revolução na escola**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/revolucao-escola-475912.shtml>>. Acesso em: 3 out. 2013.

OBJETOS da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina - séculos XIX-XX). Organização de Vera Lucia Gaspar da Silva e Marília Gabriela Petry. Florianópolis: Insular, 2012.

OLIVEIRA, Paulo Roberto Martins de. Educação em Petrópolis: 1840 à 1863. **Bauernzeitung - Boletim da Colônia Alemã de Petrópolis**, Petrópolis, n. 23, p. 4-5, set./out. 1998.



PEQUENA história da cultura e da educação em 100 anos da cidade. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 4-5, 30 nov. 1957.

PETRÓPOLIS (RJ). Comissão do Centenário. **Centenário de Petrópolis**. Petrópolis: Directoria de Educação e Cultura/PMP, 1939. v. 2.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Petrópolis: Directoria de Educação e Cultura/PMP, 1940. v. 3.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Petrópolis: Directoria de Educação e Cultura/PMP, 1942. v. 5.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Petrópolis: Directoria de Educação e Cultura/PMP, 1943. v. 6.

PETRÓPOLIS (RJ). Prefeitura. Diretoria de Educação e Cultura. **A instrução em Petrópolis**. Petrópolis: [s.n.], 1937.

PRIORE, Mary del (Org.). **História das crianças no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RABAÇO, Henrique José. **História de Petrópolis: antecedentes históricos e a povoação**. Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis, 1985.

REMINISCÊNCIAS: 1888-1938. [Petrópolis: Vozes], [1938].

REVISTA do Instituto Histórico de Petrópolis. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1988. Volume Especial - 1938-1988.

RODRIGUES, Maria das Graças Duvanel. **A imigração alemã e a educação na Petrópolis colônia (1843-1860)**. 2008. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2008.

SANTOS, Joaquim Eloy Duarte dos. **Os criadores do Liceu**. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jeds20020821.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jeds20020821.htm)>. Acesso em: 4 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Educação em Petrópolis: o Ginásio Pinto Ferreira - Prof. Henrique Pinto Ferreira**. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jeds19971222.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jeds19971222.htm)>. Acesso em: 2 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **O Grupo Escolar, o Círculo e outras lembranças**. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jeds20021120.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jeds20021120.htm)>. Acesso em: 3 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Vertentes do ensino em Petrópolis**. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/jeds19991208.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jeds19991208.htm)>. Acesso em: 3 out. 2013.

SÃO Vicente forma última turma de alunos. **Tribuna de Petrópolis**, Petrópolis, 6 dez. 1992. Caderno 1, p. 4.

SCHEFFER, Ana Maria Moraes; ARAÚJO, Rita de Cássia Barros de Freitas; ARAÚJO, Viviam Carvalho de. Cartilhas: das cartas ao livro de alfabetização. Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem10pdf/sm10ss20\\_04.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem10pdf/sm10ss20_04.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2013.



SILVEIRA FILHO, Oazinguito Ferreira da. **Colégio São Vicente de Paulo:** história e tradição em educação. **Tribuna de Petrópolis**, Petrópolis, p. 1, 16 jun. 1984.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à história da educação petropolitana:** Estado, nacionalização e sistema educacional. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/ofs20020000.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/ofs20020000.htm)>. Acesso em: 4 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Werneck:** um dos pilares da educação petropolitana. Disponível em: <[http://petropolisnoseculoxx.zip.net/arch2008-10-01\\_2008-10-31.html#2008\\_10-27\\_09\\_17\\_50-2962274-0](http://petropolisnoseculoxx.zip.net/arch2008-10-01_2008-10-31.html#2008_10-27_09_17_50-2962274-0)>. Acesso em: 30 set. 2013.

SODRÉ, Alcindo de Azevedo. **Associação de Antigos Alunos do Colégio São Vicente de Paulo:** palavras proferidas por Alcindo Sodré a 14 de maio de 1950. Petrópolis: [s.n.], 1951.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e os seus mestres:** a educação no Brasil de oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VEIGA, Cynthia Greive. **Cultura material escolar no século XIX em Minas Gerais.** Disponível em: <[http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/040\\_cynthia.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/040_cynthia.pdf)>. Acesso em: 4 out. 2013.



# Respostas dos Passatempos

Página 13



Página 15



*Bússola*

Página 22



Página 36

B P R R U A H P A H S O A P M E O O L E G F D S V  
 S A N P O E M A L N C A L O G E R A S W U P A F E  
 O I N S O H A S E G I M E A J M F O P A S N D U D  
 M X U C P S K O P K E N P O U A F A L E T T I P S  
 U A M A B R E G W N A S J O M L S E H S O A H E L  
 D O M A S A N T A I S A B E L A E M N T E R A S N  
 U A H S O A P M E O A P S P A D R E M O R E I R A  
 N O T R E D A M E D E S I O N A T S D R D A M R O  
 U A H S O A P M E O A P S M N U A H S O A P I E S

Página 33



Página 44



Página 53

**MAILT** **GOGRE** **VIILCIEDA**  
*Latim* *Grego* *Civilidade*  
**ANREIMGLIOA** **SERPNAOD ARL**  
*Mineralogia* *Prendas do Lar*









Museu Imperial

**SETOR DE EDUCAÇÃO**

Rua da Imperatriz, 220 – Centro – Petrópolis / RJ – CEP: 25610-320  
Telefone: 24-22330329 – Fax: 24-2233-0351  
[www.museuimperial.gov.br](http://www.museuimperial.gov.br) – e-mail: [mimp.educacao@museus.gov.br](mailto:mimp.educacao@museus.gov.br)



Ministério da  
Cultura

